

PORTUGAL democrático

ANO III — N.º 25

SÃO PAULO, JUNHO DE 1959

Cr\$ 3,00

Três mil pessoas receberam Delgado no Aeroporto de S. Paulo

O General Humberto Delgado, líder dos Portugueses Livres, veio receber em São Paulo a mais expressiva manifestação popular, tanto por parte da colônia lusa, como dos brasileiros em geral, desde que chegou ao Brasil.

O Homem que a maioria dos Portugueses considera seu último Chefe, chegou ao aeroporto de Congonhas, pouco depois do meio dia e meia hora do dia 14, onde mais de três mil pessoas o aguardavam: membros da Resistência anti-salazarista no Brasil, estudantes paulistas, portugueses anônimos e inúmeros brasileiros, entre os quais deputados, vereadores e outras autoridades de São Paulo.

Dezenas de cartazes e milhares de bandeiras portuguesas e brasileiras se agitaram quando o General Humberto Delgado desceu do avião, acompanhado pelo dr. Pedrosa de Lima, diplomata de carreira afastado pelo governo fascista de Lisboa, e pelo sr. Luís Carlos Bettiol, presidente do Centro Acadêmico "XI de Agosto". Enquanto os estudantes o recebiam entoando um hino em que o proclamavam Chefe da Revolução que vai e tem de fazer-se para libertar Portugal, uma ovação interminável de vivas e aplausos recebeu o General Humberto Delgado, que foi levado triunfalmente aos ombros de jovens brasileiros e portugueses até ao automóvel. Dezenas de cartazes e faixas saudavam o líder da Democracia Portuguesa, levados uns até ao aeroporto por iniciativa pessoal ou de grupos de amigos de Portugal, outros em nome de organizações diversas, nomeadamente do Centro Acadêmico "XI de Agosto", do Grêmio Po-



Humberto Delgado ao sair do avião que o trouxe do Rio de Janeiro e carregado em ombros pelos estudantes paulistas. Assim principiou sua recepção triunfal...

lítico, da União Paulista dos Estudantes Secundários, do jornal "Portugal Democrático", do Centro Republicano Português, do Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Libertação de Expressão, etc., etc..

Por alguns minutos, no gi-

gantesco átrio de Congonhas prosseguiram as ovações, aclamando muitos portugueses o seu incontestável Chefe com uma emoção que, não raras vezes, chegou até às lágrimas. Os aplausos e os vivas continuavam ainda quando o General entrou no automóvel que o levou ao Hotel Jaraguá, através das principais ruas de São Paulo. No decurso do trajeto, encabeçado por 5 batidores da polícia e constituído por centenas de veículos, milhares de pessoas aclamaram o ilustre visitante. Em frente ao hotel, reuniu-se também grande multidão que, de novo e prolongadamente, aclamou o Presidente que os Portugueses escolheram. De tal modo persistiram essas calorosas aclamações, que veio agradecer os aplausos. Saudou-o, então, em nome dos jovens de São Paulo, Plínio Pi-

estado de espirito geral, designa já a iniciativa como "O Circo inglês". Nenhum dos signatários entre os quais figuram pessoas das mais variadas tendências ignora também, entretanto, que nenhuma intenção política existe por parte dos industriais britânicos ligados ao magno empreendimento, cujas finalidades são tão só economicas. Acontece, porém, que a circunstância da presença em Lisboa, à data da inauguração, de SAR a princesa Margarida e bem assim de uma representação das Forças Armadas britânicas será inevitavelmente explorada pela ditadura do sr. Salazar como clara demonstração de apoio e amizade do Reino Unido ao regime totalitário que há 33 anos oprime Portugal. Não exageramos ao informa-lo respectivamente de que o povo português verá nessa atitude uma intromissão abusiva do governo a que VEXa-preside nos assuntos portugueses, intromissão que será altamente favorável ao governo fascista português.

Assim, é movidos pelo sincero desejo de evitar que se criem em

Continua na 7.ª pág.

- * A sessão do Teatro Paramount — pág. 2
- * O banquete em hom. do general — pág. 3
- * Reportagem gráfica — págs. 4 e 5
- * Henrique Galvão em liberdade — pág. 6
- * A imprensa portuguesa esteio da ditadura — pág. 8

menta, do Centro Acadêmico "XI de Agosto". O agradecimento do Chefe do Portugal Livre foi breve: "Não há Pátria sem juventude. Não há juventude sem virilidade. Viva a Pátria Portuguesa! Viva a mocidade livre de São Paulo!". Durante a tarde e à noite, o General Humberto Delgado recebeu, no hotel onde ficou hospedado, os cumprimentos de centenas de brasileiros e de portugueses que desejavam abraçá-lo. No aeroporto, entre as inúmeras personalidades que o aguardavam, contavam-se os deputados Cid Franco e Murilo de Sousa Reis, os vereadores D. Matilde de Carvalho, Marcos Melega, Monteiro de Carvalho, Freitas Nobre, Mário Câmara, os presidentes de associações estudantis: "9 de Julho", Abel Sampaio dos Santos, Gamal Chaim, do Grêmio da Faculdade de Filosofia; Luís Carlos Bettiol, do "XI de Agosto", Carlos Dompierre, do Grêmio Politécnico; comandante João Sarmento Pimentel, que até agora chefiou os democra-

tas portuguesas de São Paulo, etc., etc..

Encerrando a sua reportagem da chegada do General Humberto Delgado, escreveu o importante matutino "O Estado de S. Paulo" uma nota intitulada "Festa da Esperança", que transcrevemos:

A colônia portuguesa de São Paulo viveu ontem as emoções daquilo a que poderemos chamar uma festa da esperança. O que se passou no aeroporto e junto ao hotel Jaraguá veio demonstrar até que ponto andam errados os que imaginaram um Portugal dividido entre dois homens e duas concepções de existência. Através das manifestações vibrantes, das lágrimas que escorriam pelas faces, dos vivas que brotavam das gargantas roucas de tanto gritar sentia-se, adivinhava-se, compreendia-se que a gente lusa que acorreu a receber o general Humberto Delgado representava qualquer coisa de bem mais importante do que a sua expressão numerica. Os proprios aplausos, o alvoroço, a ansiedade de todos os que queriam chegar perto do general para o abraçar deixavam transparecer que cada um em particular e todos em geral percebiam que, no momento, estavam ali simbolizando algo de fundamental: a alma do Portugal escravizado. Aquele homem que a todos sorria, aquele general simples e caloroso nada tinha para eles de idolo. Ele era precisamente

(Continua na pág. 8)

A Chama viva da Liberdade

Faulista! Vocábulo a exsudar caracter, vida, impulso, rebeldia — ligada como está a cidade pujante à luta pró-liberdade.

Desde o grito de Ypiranga — cujo momento homenageei com ramo de flores — até às convulsões recentes, gritantemente viris, o paulista está presente. E dir-se-ia que os exilados do passado, em espasmos que ora se esbatem ora se avivam, no decorrer da História, juntos às circunstâncias fortuitas — de ordem local umas, de ordem pessoal outras — haveriam sido causa de, nesta cidade, se ter criado um núcleo mais coeso e vulcânico de renascimento da luta Pró-Liberdade Portugal.

Delimitando o caracter de juventude viril, o deste núcleo. Abrange-o, João Sarmento Pimentel — o "Comandante" — na heráldica designação que lhe applicaram. E como grato foi ao meu coração de liberal sentir palpitar essa característica na visita à grande urbe, logo pela boca do "comandante".

Perpassam, em vertigem cinematográfica, os instantâneos da constante vibração desses quatro dias memoráveis — 13 a 17 de Maio — os da recepção que a cidade se dignou fazer-me.

Autoridades, intelectuais, artistas, estudantes, o povo em geral, à compita apareceram a ovacionar mais este elemento da flamejante idéia da libertação.

Chega a não se saber a que mais se deva dar relevo, tão singulares é o peso de cada parte no cómputo de valores comparticipantes: se no entusiasmo do povo e estudantes na chegada (apezar de uma folhita de imprensa representante do inimigo, dizer que só quatorze pessoas me esperavam, e fôra recebido a ovos pódres); se no requinte das recepções; se nas palavras fogosas, sérias, proferidas por jovens e não jovens.

Grande jornada, ela constituiu pela bôa de Sarmento Pimentel a oportunidade para anunciar que surgia nova era. Chamou-lhe "revolucionária" mas, no contrário do explorado pelo canal adversário, referia-se somente a ação mais claramente ativa, construtiva, a tomar de futuro.

Constituiu ainda oportunidade para definir a minha posição perante os exilados, no ser-me feito o honroso convite para os chefiar na luta para a libertação da Pátria escravizada. Escravizado, aceitei. Fô-lo de maneira sóbria, praticamente sem comentário para maior realce dar às palavras de quem convidava e representava bôa estirpe da colônia Portuguesa opositorista. Aceitando o convite, "isopfacto" aceitei a doutrina. Na verdade, a oposição deve estar preparada para governar, a despeito do despreso da parte dos detentores do poder pelo futuro do país, no impedirem, criminosamente, que os portugueses opositoristas se reunam para discutir a forma de herdarem a pátria que, como "roça", no mau sentido do termo, tem sido governada. Sim, trata-se de herdar o pesado fardo que lúgubre e longa noite de governo pessoal criou, no transformar uma pátria num "semi-cadáver".

Ora só o que um governo provisório haja de publicar, a fim de preparar a nação para, democraticamente, em prazo curto, decidir dos seus destinos, constitui grave encargo e árduo trabalho.

Lembremos ao correr da pena, as leis referentes: à anistia; aos abusos criminosos dos agentes do poder, nos diversos escalões; à corrupção administrativa; ao ataque direto e indireto à miséria, com directrizes para se iniciar um melhoramento geral do nível da vida; e, como matéria de fundo para a democratização, a lei de imprensa, a da organização partidária e a lei eleitoral.

No Brasil é possível fazê-lo com soçego, ainda que tantos elementos úteis à colaboração se encontrem além-atlântico. Nem por isso o trabalho deixará de levar-se a cabo, embora represente tremendo esforço da parte dos exilados. Orbitando em volta do núcleo de S. Paulo, aquele que, mercê das circunstâncias acima definidas, oferece maior capacidade de concentração da vontade, far-se-á.

Evidentemente que não colaborarão elementos preciosos de outras partes, em particular do Rio de Janeiro, cidade em que razões estranhas à vontade dos interessados fizeram interromper a atividade liberal organizada em tempos idos. Felizmente estão vivos alguns elementos cujo conselho, disponível, pode representar alta valia.

De braços estendidos sobre este "Mare Nostrum" que é o Atlântico, os portugueses das duas margens reagirão firmes, unidos ao movimento "paulista" para honra do lema da oposição: Pró-Pátria, Pró-Liberdade.

HUMBERTO DELGADO



Uma carta do Comité dos Intelectuais ao Primeiro Ministro Inglês

Pelo Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró Liberdade de Expressão foi enviado ao "premier" inglês a seguinte carta:

Sr. Harold Mac Millan
Primeiro Ministro de Sua Magestade Britânica
10, Downing Street, London
Excelência:

Não ignora este Comité, que exprime a opinião dos setores consciente da numerosa colônia portuguesa no Brasil (800.000 pessoas) e os anseios dos intelectuais portugueses que se encontram reduzidos ao silêncio pela máquina de repressão do governo do sr. Salazar, que o Estado Corporativo se prepara para tirar vantagens políticas da próxima Feira das Indústrias Britânicas a realizar em Lisboa e muito especialmente da visita que por essa altura deve fazer a Portugal SAR a princesa Margarida.

A tal ponto é conhecido o intuito governamental de transformar o grande certame em cartaz publicitário das excelentes relações que ligam o governo de Sua Magestade à ditadura portuguesa que o homem da rua, refletindo o

Um telegrama de Alvaro Lins

Em viagem de férias pela Europa, o embaixador Alvaro Lins — o mais querido e popular dos brasileiros em Portugal — que de longe acompanha com interesse a luta dos democratas portugueses enviou no dia 15, de Toledo, ao general Humberto Delgado, por motivo da passagem do seu 53.º aniversário o seguinte telegrama: "General Humberto Delgado — Hotel Jaraguá — São Paulo: afectuosos cumprimentos, votos felicidades seu aniversário. Alvaro Lins e Família.

Na histórica sessão do Paramount

SE TANTO FOR PRECISO CRUZAREMOS O ATLANTICO PARA LIBERTAR PORTUGAL

afirmou o representante da mocidade paulista

No segundo dia da sua permanência em São Paulo, o General Humberto Delgado voltou a ser alvo de inequívocas provas de estima e consideração por parte da população paulista, e, em especial, dos seus estudantes. Eis o que, a propósito das suas atividades nesse dia, escreveu "O Estado de S. Paulo":

NO IPIRANGA

"O general Humberto Delgado, que desde quarta-feira se encontra em São Paulo, esteve na manhã de ontem em visita ao Monumento do Ipiranga.

O líder da resistência portuguesa ao governo de Salazar, acompanhado de amigos e outras personalidades, chegou ao Monumento da Independência por volta da 11 horas. Sôbu então os degraus, e em ato revestido de extrema simplicidade, depositou uma "corbeille" de gladiolos brancos ao pé do monumento.

Companha-se a comitiva do general de vários elementos da colônia portuguesa, além de inúmeros amigos brasileiros, destacando-se a presença, entre outros, do com. Sarmiento Pimentel, presidente do Centro Republicano Português, do dr. Pedro Lima, ex-diplomata, e dos srs. Santos Baleizão, Francisco Pimentel e Joaquim Ribeiro Bastos, além de outros membros do Comité dos Intelectuais Portugueses e da Comissão Organizadora.

Presenciaram também o ato, numerosas pessoas de origem portuguesa, quase todas moradoras do bairro. Após percorrer a área do monumento e visitar a erupção da família imperial, o general e sua comitiva retiraram-se, rumo à praça Dom José Gaspar.

HOMENAGEM A CAMÕES

O general Delgado e comitiva chegaram às 11 horas e 30 à praça Dom José Gaspar, dirigindo-se à herma de Camões, erguida por iniciativa da colônia portuguesa radicada em São Paulo.

Repetiu-se então, com a mesma singeleza, a cerimonia da deposição de flores, ato que foi presenciado por grande número de pessoas. Na ocasião, o general palestrou com diversas pessoas do povo, particularmente portugueses aqui radicados.

Em seguida o general Delgado dirigiu-se ao Gremio Politecnico onde participaria de um almoço íntimo a convite de estudantes e professores.

VISITA A POLITECNICA

Convidado pelos estudantes, o general Humberto Delgado visitou, na tarde de ontem, a Escola Politecnica da Universidade de São Paulo. À sua chegada, por volta das 13 horas, foi recebido por dezenas de universitários que o aclamaram entusiasticamente. Percorreu, então, as dependências da Escola, e, sempre acompanhado por grande número de estudantes, dirigiu-se à sede do Gremio Politecnico, onde lhe foi oferecido um coquetel.

Na oportunidade, o acadêmico Marco Antonio Mastrobuono, presidente do Directorio Central dos Estudantes, saudou-o em nome dos estudantes paulistas, lembrando os fortes laços que unem os povos brasileiro e português.

SABATINA

Em sua resposta, o general Delgado disse sentir-se honrado com a recepção dos estudantes, aos quais tem grande estima e admiração. Foi, a seguir, interrogado pelos estudantes sobre diversos aspectos da vida em Portugal.

Respondendo a uma primeira pergunta, sobre a situação atual da industria portuguesa, disse que seu nível é bastante baixo, pois a ditadura não tem interesse em industrializar o país, temendo o surgimento de um proletariado que lhe seja hostil.

ANALFABETISMO

Outro estudante perguntou-lhe qual a porcentagem de analfabetos em Portugal. Afirmou então o general, que não poderia citar dados estatísticos, porém sabe que é elevadíssimo o número de analfabetos.

Em seguida, um estudante indagou do general o montante da dívida externa de Portugal. Em resposta, o general Delgado declarou que esta praticamente não existe, mas que este fato não deve causar boa impressão, porque "o dinheiro se acha todo nas burras, enquanto o povo é pauperrimo".

ALMOÇO

Após a "sabatina" o general dirigiu-se ao restaurante da Escola, onde almoçou em companhia dos estudantes. No restaurante, o general sentou-se à cabeceira da mesa, sendo ladeado pelo estudante Carlos Aurelio Dompieri, presidente do Gremio Politecnico, pelo sr. Guilherme Morbey Rodrigues, seu secretario particular, e pelo acadêmico Marco Antonio Mastrobuono.

"ESPECIE DE VULCÃO"

Durante o almoço, um reporter solicitou do general sua impressão sobre os estudantes paulistas, tendo ele respondido nos seguintes termos: "Os estudantes são uma especie de vulcão que há de ajudar, em breve, a democracia brasileira a ser muito maior ainda do que já é".

Encerrado o almoço, o general Delgado retirou-se da Escola, reebendo, na ocasião, grande ovação dos estudantes.

VISITA A FACULDADE DE DIREITO

Acompanhado de membros da colônia portuguesa, o general Delgado chegou às 20 horas e 30 à Faculdade de Direito, onde foi recebido por estudantes. Dirigiu-se logo à Sala dos Professores, onde minutos depois chegava o diretor da Faculdade, professor Gama e Silva. Apresentado ao líder anti-salazarista, pelo presidente do C. A. XI de Agosto, Luiz Carlos Bettiol, o professor Gama e Silva por sua vez apresentou-o aos catedráticos da Faculdade que ali se encontravam. A seguir, o general percorreu as dependências da escola.

A CONFERENCIA DO LÍDER

Acompanhado por centenas de estudantes e por alguns membros dos organismos da resistência anti-salazarista no Brasil, o General Humberto Delgado dirigiu-se, a pé, da Faculdade de Direito até ao Teatro "Paramount", onde cerca de 2.000 pessoas o aguardavam já para ouvir a sua anunciada conferência sobre "Grandeza e Serviço da Democracia". Durante o trajecto, o General teve, por vezes, que responder às saudações que alguns populares lhe dirigiram, a todos retribuindo com uma palavra de fé nos destinos de Portugal.

A sua entrada no teatro foi assinalada por delirantes ovações que se prolongaram por largos minutos, levantando-se toda a multidão para saudar o Chefe legítimo dos Portugueses. Constituída a mesa, que foi presidida pelo secretario-geral da União Estadual de Estudantes, João Manuel Conrado Ribeiro, e de que fizeram parte deputados, representantes de organizações estudantis e membros da Resistência Portuguesa, falou, em primeiro lugar, o orador oficial do "XI de Agosto", estudante Plinio Pimenta. "General Delgado, vamos fazer revolução" — afirmou à certa altura, o universitário, sob as aclamações da assistência. Prosseguindo, disse o jovem estudante:

"O senhor será o nosso líder e a nossa arma o coração. Pedimos a Deus que essa arma não seja o canhão. Do Brasil partirá a expedição libertadora que cruzará o Atlantico para redescobrir a grandiosa nação portuguesa.

Após referir-se aos métodos da ditadura do sr. Oliveira Salazar para manter o seu regime de opressão, o sr. Plinio Pimenta declarou que os estudantes brasileiros proclamavam o general Humberto Delgado o presidente de Portugal.

Finalmente, sob uma calorosa salva de palmas, o General Humberto Delgado proferiu a sua conferência, frequentemente interrompida por aplausos que partiam de entre as

milhares de pessoas que se encontravam presentes no "Paramount".

A CONFERENCIA DO GENERAL

O general Delgado principiou por estabelecer um paralelo entre os conceitos de servidão e grandeza militar, modeladamente expressos por Alfred de Vigny, e as idéias de servidão e grandeza consideradas em função da Democracia. Quanto mais elevado e puro é um ideal, maiores são os sacrifícios a que ele nos obriga. Daí a finalidade grandeza trazer em si implicita a necessidade da servidão. Tão complexa é porém a civilização criada pelo homem que, num mundo que até hoje se mostrou incapaz de extinguir o flagelo da guerra, o ideal de grandeza pode situar-se em polos totalmente opostos. Enquanto para o militar o esmagamento do inimigo e portanto a destruição de um sem número de vidas inocentes é o objectivo visado, o processo de servir e de se realizar, de se impor, numa palavra, à admiração da coletividade a que pertence — já, para o civil tudo se passa de uma forma totalmente oposta. Para o primeiro, matar é uma necessidade e um fim; para o segundo, o respeito pela vida do seu semelhante um principio básico da vida em sociedade, cuja violação é punida severamente. Deste antagonismo, à primeira vista paradoxal, nasce a peculiaridade de certos aspectos da vida militar na paz e na guerra. Paradoxo até certo ponto semelhante se dá com a Democracia que, permitindo, pelo livre funcionamento das instituições, a minoria transformar-se em maioria, cria a si própria pesadas servidões que não raro a tornam presa fácil de infiltrações totalitárias que abrem o caminho à ditadura.

Prosseguindo, o general Delgado alargou-se em considerações sobre a grandeza da Democracia que definiu mais como estado de espirito e como atitude existencial do que propriamente como sistema de governo.

Ainda que inatingível na sua máxima pureza, o ideal democrático deve a seus olhos ser um polo de atração, uma meta para todos os homens. Reina contudo, assinalou, a maior das confusões em torno do termo. A palavra democracia anda hoje na boca de toda a gente, servindo para designar as mais variadas realidades e para exprimir determinadas posições extremistas que muitas vezes envolvem a negação pura e simples do seu significado específico. Desde a aristocrática democracia ateniense às chamadas democracias populares, passando pela democracia burguesa, o vocabulo tem sofrido inúmeras interpretações cada qual procurando beneficiar-se com o mágico prestigio que lhe anda associado. Tratando, a seguir, da servidão da democracia, o orador manifestou-se favorável ao sufrágio universal, contrariando as teses da monarchia liberal francesa e abordou o problema da liberdade de expressão, chamando a atenção para os perigos decorrentes da queda dos grandes instrumentos de informação nas mãos de capitalistas corruptos. Demorou-se depois na análise do processo eleitoral, lamentou os abusos resultantes da dependência económica do eleitor (quem é pobre é escravo, como dizia La Boetie), criticou os exageros do espirito partidário que não poucas vezes sobreleva o espirito nacional, e condenou toda e qualquer forma de demagogia e os excessos verbais tão ao gosto dos povos latinos.

Passou, depois, a analisar as vantagens aparentes e os múltiplos inconvenientes das ditaduras, estabelecendo um paralelo com as democracias entre as quais destacou como mais perfeitas as escandinavas e as de tipo anglo-saxão. O caso português mereceu-lhe breves mas incisivas referências que deixaram bem claro o carácter de autêntica farsa que mareou o pelito de junho no país irmão. Manifestou ainda a sua fé na juventude

de portuguesa e teve palavras de muito elogio para a coragem da mulher lusitana.

Concluindo o seu trabalho, o general Humberto Delgado emitiu a opinião de que a evolução da democracia exige:

a) melhoramento do Homem desde a juventude pela absorção de uma estética superior, alérgica ao despotismo e à injustiça social. Consequentemente, hábito de livre discussão, treino na luta de idéias, que se deve iniciar na escola; treino no voto dos estudantes, obtido através da escolha democrática dos seus representantes; estímulo da discussão dos problemas nacionais ao escalão universitário tal como se faz já no Brasil.

b) Criação de uma organização internacional mais potente para defesa dos grandes ideais universais a principiar pelos Direitos do Homem, enunciados desde a Revolução de 1789, mas nunca respeitados; e estudo de fórmulas práticas que livrem as nações dos males das ditaduras com inevitável quadro de divinização de um homem, da brutalidade medieval das polícias "gestápicas" que torturam e matam quem se oponha ao despota, enfim de todos os horrores inerentes à supressão da liberdade.

Finalizando, o general manifestou a sua fé nos destinos da Democracia que não está, ao contrário do que por vezes se afirma, doente, mas apenas em crise de crescimento.

De novo, prolongadamente, o público aplaudiu, de pé, as palavras do general Humberto Delgado, que agradeceu, emocionado, tão expressiva e sentida homenagem. Bandeiras de Portugal e do Brasil — mais do que nunca simbolicamente unidas — se agitaram, por entre os vivas às duas Pátrias irmãs, à Democracia, ao "Homem Sem Medo" e a todos os que têm lutado pela independência total do nosso Povo espezinhado e ferido pela odiosa ditadura salazarista.

Antes de encerrar a sessão, falou ainda o presidente do Directorio

Central dos Estudantes da USP, sr. Marco Antonio Mastrobuono. Entre outras coisas, disse que o sentido daquela manifestação era o de incentivar o general Humberto Delgado a descalçar Portugal das botas enlameadas da ditadura do sr. Oliveira Salazar. Colocou, a seguir, o visitante, entre os grandes líderes da democracia, que lutam em vários países do mundo.

O deputado Cid Franco foi o orador seguinte. Disse o parlamentar que considera o general Delgado o presidente da República de Portugal no exílio e que ali fóra para cumprimentá-lo como tal. "Espero, entretanto — concluiu — cumprimentar o presidente, em breve, na sua própria pátria".

O deputado Murillo de Souza Reis leu, a seguir, os recortes de um discurso que pronunciou na Assembléa Legislativa sobre a visita do general Delgado e em que condena a ditadura salazarista e relembra os terríveis dias e as funestas consequências da ditadura de Vargas. Por último, falou um português que reside no Brasil desde 1926. Fez elogios à nossa terra, ao general Delgado, e disse que espera retornar a Portugal no dia em que aá puder respirar o mesmo ar liberal e democrático que respira no Brasil.

PORTUGAL LIVRE!

No átrio do teatro, o General Humberto Delgado foi, em seguida, cumprimentado por inúmeros portugueses e brasileiros que desejavam dizer-lhe, de viva voz, que era preciso continuar a batalha da emancipação de Portugal, que portugueses do Brasil e brasileiros estavam prontos a enfileirar nas hostes que derrubarão o fascismo de Salazar. Num imenso mar de aplausos e vivas — aos quais se misturaram alguns "morrás" aos assassinos de Portugal —, cantou-se "A Portuguesa" com uma força e um calor que magnificamente encerraram uma das maiores jornadas da Democracia de Portugal nas terras livres do Brasil.

Denunciando "O Seculo" e o sr. Guilherme P. Rosa

Mais de uma vez o nosso jornal tem abordado o problema da corrupção da imprensa portuguesa cuja venalidade e enfeudamento ao regime contribuem decisivamente para a manutenção da ditadura do sr. Salazar. Não se passa, aliás, uma semana sem que nos cheguem notícias de novas vergonhas cometidas pelos grandes diários de Lisboa, de novas abjeções que são outras tantas provas de que nenhuma obra profunda de saneamento poderá ser levada a cabo em Portugal após a Libertação, sem uma prévia dignificação da imprensa, obtida através do afastamento da profissão jornalística de homens que mostraram ser indignos de a exercer.

Acaba por exemplo de nos chegar às mãos um exemplar de "O Seculo" que documenta expressivamente o estado de coisas a que nos referimos. De uma forma mais hábil e sinuosa do que o "Diário de Notícias" — dirigido por um diplomata corrompido e por um chefe de redação analfabeto — "O Seculo" apoia sistematicamente o regime, ainda que muita gente de boa fé tenha ilusões a esse respeito. mercê de um ou outro editorial demagógico destinado a captar as simpatias populares. Nos momentos críticos surge, porém, incondicionalmente ao lado do sr. Salazar e do que ele representa, ou não tivesse a familia Pereira da Rosa o maior interesse na manutenção dos privilégios escandalosos da oligarquia a que pertence. O exemplar a que nos referimos insere uma entrevista feita ao sr. Schultz, atual ministro do Interior, pelo sr. Guilherme Pereira da Rosa. Convém assinalar que a simples idéa de entrevistar uma pessoa como o sr. Schultz, célebre pela ferocidade com que assassinou centenas de

portugueses na guerra de Espanha, já é em si lamentável. É de juizes e não de jornalistas que necessita o ministro do Interior do sr. Salazar. Nem por isso o sr. Rosa filho deixa de teecer os maiores elogios e de escrever uma abertura à sua entrevista que constitui o mais servil dos serviços prestados ao regime e ao seu chefe, deturpando intencionalmente a conjuntura portuguesa. O sr. Guilherme Pereira da Rosa que não sabe escrever e que publica entrevistas apenas por ser filho do dono de "O Seculo" estará possivelmente muito satisfeito com as múltiplas felicitações que terá recebido pelo seu "trabalho". Na sua euforia pensar em tudo menos nas reações dos que olham o regime e o sr. Schultz por outros prismas. Será bom entretanto, que já desde já ciente que nós, portugueses livres do Brasil, porta-vozes legítimos do amordaçado povo português, registamos a sua baixa e que, na hora própria, dela, como de muitas outras, lhe pediremos contas.

Aos assinantes da Venezuela

Comunicamos aos assinantes da Venezuela que todos os assuntos referentes ao nosso jornal, incluindo a renovação de assinaturas, reclamações, donativos, sugestões, etc. devem ser tratadas por intermédio do nosso representante em Caracas, Sr. Dr. Jorge Silveira, Apartado Correos 3826.

Uma noite inesquecível

Se a chegada a São Paulo do general Humberto Delgado constituiu uma demonstração eloqüente dos sentimentos democráticos da esmagadora maioria da colônia portuguesa radicada na capital bandeirante, o banquete em homenagem do ilustre militar realizado no dia 15, no Jardim de Inverno Fasano — o melhor restaurante e a mais ampla sala de festas da cidade — veio provar de uma forma indelével que as simpatias do Brasil vão inteiras para os que defendem a causa da Libertação de Portugal, ora simbolizada na figura do general.

O banquete que reuniu mais de 300 pessoas, entre as quais predominavam altas personalidades paulistas e figuras em destaque na colônia lusa, decorreu num ambiente de grande dignidade não lhe faltando a nota de distinção dada pela presença de muitas senhoras. Apenas houve três discursos, qualquer deles interrompido freqüentes vezes por verdadeiras tempestades de aplausos: o do prof. dr. Saldanha da Gama, professor catedrático da Universidade de São Paulo e presidente do diretório paulista do Partido Socialista Brasileiro; o do comandante Sarmento Pimentel, presidente do Centro Republicano Português; e o do general Humberto Delgado.

Presidiu o comandante Sarmento Pimentel que dava a direita às seguintes personalidades: sra. de Cid Franco; general Humberto Delgado; sra. de Sousa Reis; prof. Saldanha da Gama; sra. de Freitas Nobre; escritora Maria Archer; sra. de Gabriel Grecco; deputado Israel Dias Novais; sra. de Prestes Maia; deputado Murilo de Sousa Reis; sra. de Ribeiro Bastos; e Luiz Carlos Bettiol, presidente do Centro Acadêmico "XI de Agosto". À esquerda da presidência sentaram-se: sra. de Israel Dias Novais; José Maria Homem de Montes, assistente de diretoria de "O Estado de São Paulo", representando o dr. Julio de Mesquita Filho; sra. de Lourival Gomes Machado; deputado Cid Franco, líder da bancada socialista; sra. D. Esther Azevêy Teixeira; vereador Freitas Nobre; sra. de Silverio Sobrinho; vereador Marcos Melega; sra. de Soares Amora; vereador Monteiro de Carvalho; sra. de Americo Marques da Costa; e Tabajara da Silva, representando a União Estadual de Estudantes. Em outras mesas, junto à de honra, tomaram lugar, entre outras, as seguintes individualidades: profs. drs. Lourival Gomes Machado e Antonio Soares Amora, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo; Gabriel Greco, vice-presidente do Pacto de Unid. Intersindical; Abel Sampaio dos Santos, presidente do Centro Estudantil Nove de Julho; Gamal Chaim, presidente do Grémio da Faculdade de Filosofia; Mastrobuono e Carlos Domperi, pelo Grémio Politécnico; Plínio Pimenta, orador oficial do Centro Acadêmico XI de Agosto; Joaquim Ribeiro Bastos e Americo Marques da Costa e Bento de Carvalho, figuras em grande destaque nos meios económicos paulistas; dr. Toga Machado, antigo governador civil de Viana do Castelo; membros do Centro Republicano; Comité dos Intelectuais, Portugal Democrático etc.

A nota sensacional do banquete foi dada pelo discurso do comandante Sarmento Pimentel. A impressão causada não se limitou aliás aos que o ouviram, estendendo-se a todo o País. Refletindo o interesse e a surpresa ante a notícia de que a luta contra a ditadura salazarista ia tomar novos rumos, o maior jornal do Brasil, "O Estado de São Paulo", avesso a manchetes sensacionais publicava no dia seguinte uma pormenorizada reportagem do banquete, encimada por um título a seis colunas: "A oposição portuguesa anuncia o início da fase revolucionária do seu Movimento". Que mais dizer?

A nova linha de rumo definida pelo Com. Pimentel

Meu general, minhas senhoras e meus senhores

Para os democratas portugueses do Brasil, esta noite tem um grande, um profundo significado. Ela não ficará apenas a assinalar um momento alto das homenagens comoventes que São Paulo prestou ao soldado que, na hora que passa, encarna mais do que nunca o espírito de insubmissão e de luta da grei lusitana. Este banquete não será recordado no futuro somente como bela jornada de confraternização entre os representantes da Resistência Portuguesa, neste grande e admirável País, e algumas figuras exponenciais da cultura e da inteligência paulistas, que desde sempre se têm mostrado sensíveis aos sofrimentos do povo irmão de Portugal, cujo sangue lhes corre também nas veias. Não. Para que todos os que no Brasil votaram as suas vidas à causa de um Portugal Livre, esta festa será um marco divisório entre duas épocas. Propositadamente escolhemos a data da visita do general Delgado a São Paulo para pôr termo à primeira fase da luta que no Brasil vimos travando contra a ditadura que escraviza o nosso País. É isso por que consideramos atingido o objetivo que visávamos: o esclarecimento da opinião brasileira acerca da realidade portuguesa. No breve espaço de um ano, graças ao aparecimento na cena política lusitana do general Humberto Delgado, foi-nos possível fazer mais nesse sentido do que havíamos alcançado nos últimos três ou quatro lustros. Não há exagero na afirmação de que hoje o Brasil sabe exatamente o

que é e o que vale o regime implantado em Portugal pela Revolução de 28 de Maio de 1926. Daí a decisão tomada pelos democratas portugueses de São Paulo de orientarem, a partir de hoje, a sua acção num sentido novo e completamente diferente. Colectivamente nada temos a dizer ao Brasil que ele já não saiba. O nosso élan, a nossa combatividade, os nossos esforços conjugados voltam-se assim para Portugal.

Estamos, infelizmente, demasiado longe para passar à acção directa. Nem por isso menos importantes as tarefas que pretendemos levar a cabo. Meses atrás, tínhamos os olhos postos em Portugal; agora é Portugal que acompanha em alvoroço o que se passa no Brasil.

A situação modificou-se. Dentro do mais absoluto respeito pela hospitalidade generosa do Brasil, ao qual não criaremos atritos e dificuldades de espécie nenhuma, propomo-nos estruturar um grande e belo Movimento de conteúdo revolucionário.

A vós, meu general, quero antes do mais, apresentar as minhas desculpas pelo carácter de novidade da revelação. Sabedores, porém, do vosso desejo de tranquilidade e de isolamento, não quisemos que de modo algum pudesse ser dada uma falsa interpretação a uma iniciativa que exprime o sentimento profundo dos portugueses de São Paulo. Propositadamente, empreguei a palavra "revolucionário". Mas que não se preocupem os nossos amigos brasileiros aqui presentes. Insisto, mais uma vez, em que "jamais a nossa acção criará dificuldades ao governo brasileiro". Revolucionário sim, mas num sentido especial, ainda que empregada a palavra na sua acepção mais nobre e bela. O que nos propomos é dar vida e força a um Movimento Português que amanhã, na hora própria, pela disciplina, pela coesão, pela largueza das perspectivas, pela simplicidade e humanitarismo dos seus ideais que o hão de nortear, pela convicção inabalável de que o Brasil e Portugal são partes de um todo comum, um Movimento, dizia, que possa contribuir decisivamente para o encontro das soluções históricas a aplicar após a Libertação. Não será nada que se pareça com um partido político. Será, repetimos, um Movimento, o embrião de um vasto e comovedor Movimento de fraternidade lusitana.

Portugal continuava a ser ainda, triste é confessá-lo, uma Nação cuja vida se processa em função de inúmeros anacronismos feudais. A Revolução de 1910, que implantou a República, foi uma revolução essencialmente falhada. Por circunstâncias de todos conhecidas, a grande Revolução Portuguesa do Século XX, que há de restituir ao País a sua dignidade, o sentido da sua vocação ecuménica e, sobretudo, suprimir certas injustiças sociais afrontosas da condição humana, essa revolução não pode ser preparada em Portugal, onde não há liberdade de expressão, não sendo sequer reconhecida — monstruoso mas verdadeiro — a liberdade de pensamento. Vamos pois prepará-la no Brasil, ou antes principiar a trabalhar para ela, aproveitando a maré magnífica de entusiasmo e vibração patrióticas que a visita de V. Excia., meu general, despertou.

A Revolução de Cuba acaba de demonstrar que o amor da liberdade, uma disciplina férrea e meia dúzia de idéias generosas podem fazer mais pela transformação das perspectivas económico-sociais de uma coletividade do que a aplicação desordenada e sem convicção dos mais complexos sistemas de governo por perfeitos que sejam em teoria.

Não temos, ai de nós, a ilusão de imitar Fidel Castro. Mas podemos, isso sim, extrair da sua lição alguns ensinamentos fundamentais. Comungamos no mesmo amor da liberdade e justiça social, na mesma repulsa pelas oligarquias corrompidas e deshumanas e, entre os 800.000 portugueses do Brasil sobram técnicos das mais diversas especialidades que aliam a uma alta competência uma ilimitada capacidade de sacrifício. Falta-nos a disciplina. Pois tê-la-emos uma vez que a desejamos. Rígida, férrea. No Movimento cada um será um soldado, todos

serão irmãos, do intelectual ao mais humilde emigrante. Lentamente, longe da publicidade que por vezes tem rodeado a nossa luta, esboçaremos as soluções a oferecer ao povo português e forjaremos a unidade que será nossa maior força, a alavanca que, assim o acreditamos, poderá vir a ter um papel decisivo na Revolução Portuguesa do Sec. XX.

Permito-me, a propósito, abrir uma pequena janela sobre o nosso longínquo e querido Portugal. Importa com efeito salientar desde já que a evolução política do nosso País não pode deixar de ser condicionada nos seus termos fundamentais pelo problema económico básico, que ali se apresenta em circunstâncias de aguda urgência. Esse problema pode ser equacionado em poucas palavras: A grande maioria dos portugueses vive hoje da agricultura, uma agricultura de métodos arcaicos, onde o braço humano substitui os modernos instrumentos de trabalho. A elevação dos padrões médios de vida exige a modernização dessa agricultura, secularmente estagnada. Mas, ao ter lugar a técnica das tarefas agrícolas, os nossos campos passarão a liberar contingentes avultados de mão de obra. Para essa mão de obra liberada, que irá somar ao substancial aumento anual da população, haverá que encontrar ocupação produtiva em atividades novas, principalmente de carácter industrial, mediante a promoção de um vigoroso processo de desenvolvimento económico. Deste modo, a tarefa básica que se apresenta aos governantes exige a mobilização de todos os recursos de imaginação, criação e empreendimento de que possa ser capaz o povo português. Será necessário operar uma mudança estrutural na economia do País, de modo a habilitá-la a absorver em novas atividades produtivas um número rapidamente crescente de portugueses.

A necessidade de um regime livre e democrático, firmemente assente na vontade popular é ainda mais premente em virtude das circunstâncias novas do quadro internacional que estão tomando forma em nossos dias e dentro das quais o País terá que viver e de se desenvolver.

Assistimos a um reagrupamento económico e político das nações em grandes blocos, através do mundo. A Europa, para a qual Portugal em seu isolamento político e económico tem vivido de costas voltadas, inicia, neste momento um amplo e genuíno movimento de integração económica, destinado a introduzir seiva nova no seu progresso de desenvolvimento, já hoje mais acelerado do que o dos Estados Unidos ou da América Latina. Esse movimento está colocando os dirigentes da ditadura portuguesa perante um dilema onde a escolha é impossível. A adesão para um Portugal de economia estagnada significa a certeza de repercussões catastróficas na economia do País com o esmagamento de numerosas atividades, mormente industriais, sob o impacto da concorrência de economias mais vigorosas. A não adesão promete algo mais grave do que a simples continuação do isolamento atual, pois é a Europa que oferece os mercados para onde se dirige a maior parte das exportações portuguesas, tanto metropolitanas como coloniais. Qualquer que seja o sentido dessa escolha, para que os seus resultados não sejam desastrosos impõe-se uma prévia mudança estrutural na economia portuguesa, mediante um vigoroso e continuado processo de desenvolvimento económico. Deste modo, as circunstâncias político-económicas do mundo de hoje lançam um grande desafio à nova geração de Portugal: a instauração no País de um ambiente de liberdade consciente e responsável que tornem possível, através de uma política económica e social adequada, o rompimento das barreiras de imobilismo, favoritismo político e preferência demagógica pelas obras de mera ostentação que presentemente dominam a economia portuguesa e determinam a sua estagnação. Somente a instauração daquelas condições morais e políticas tornará possível o início em Portugal de um processo de desenvolvimento da sua economia, efetivo e não simples aparência, que se traduza

O agradecimento do General Humberto Delgado

Sr. Presidente, Senhoras e Senhores:

A cada grupo, coletividade e pessoa, desejava eu agradecer a vibrante recepção de S. Paulo, e este jantar, por forma que fosse inusitada, envolto num verbo mesclado pela exuberância das palmeiras do Brasil, e pela humildade das violetas de Portugal.

Mas julguei que seria mais adequada a sobriedade e a simplicidade. Aqui ficam pois, assim, sóbrios mas sentidos, simples mas do coração, os meus agradecimentos a brasileiros e portugueses.

Permitam destaque apenas um nome, o de Sua Excia. o Governador do Estado de S. Paulo, professor CARVALHO PINTO. A fim de não incorrer em erro ou falta, tantos são, permitam que aos outros agradeça em globo. E assim, agradeço aos senhores deputados e vereadores; aos diretores e colaboradores dos jornais; aos professores e alunos universitários; à sociedade de escritores; aos intelectuais e artistas, numa palavra a *tutti-quantum* deram a honra de sua presença, ou o benefício do seu esforço, para que minha chegada a esta fremente Cidade oferecesse um brilho que me comoveu.

Mas, se usufruí a alta honra e deleitoso prazer de estar entre vós, de facto esta possibilidade deve-se ao Governo Brasileiro ter conseguido trazer-me até ao Brasil, como a opinião pública reclamava e as tradições diplomáticas desta nobre Nação aconselhavam. Consequentemente, "last but not least", perfeitamente cabe que, nesta cidade de S. Paulo, eu renove agradecimentos às entidades oficiais mais ligadas às diligências para meu asilo:

S. Excia. o Presidente da República Sr. JUSCELINO KUBITS-CHEK DE OLIVEIRA; Ministro das Relações Exteriores Sr. NEGRÃO DE LIMA; representante em Lisboa Embaixador Sr. ALVARO LINS, e o Delegado "ad hoc" para a questão do asilo, Embaixador Sr. MENDES VIANA.

Senhoras e Senhores: certamente compreendeis o drama do Povo Português, ao desejar, em 1926, dar um passo em frente na sua rota de Nação Civilizada mas estagnada, e que infelizmente viu a solução desviar-se, enveredando pelo totalitarismo em moda na

época.

Conhecem-se dos protótipos deste sistema, as características gerais inerentes, velhas como o mundo: destruição de pensamento; o super-estado imiscuído em todas as atividades e até nas nossas vidas privadas; a perda dos mais elementares direitos, desde o segredo da correspondência particular até à expressão crítica; a brutalidade medieval das polícias políticas; o empobrecimento dos mais pobres em benefício do enriquecimento dos mais ricos; o desmoramento do carácter; a atrofia das artes; o definir da literatura e do teatro; a construção das obras monumentais em detri-

mento das de utilidade real, como são típico exemplo as pirâmides do Egito, construídas sob a mais abjeta escravatura e bestialidade, exercidas contra milhares de indivíduos, anos e anos seguidos.

Senhoras e Senhores: desejo aproveitar a chegada a S. Paulo, para bem esclarecer um ponto. A minha estadia no Brasil não pretende agravar a divisão numa colônia da qual boa parte, vivendo muitos anos a milhares de quilómetros do seu país, só o conhece como turista de longe a longe, ou então como leitora das notas oficiais e dos artigos de uma imprensa sujeita a forte censura, de

Continua na 6.ª pág.

"Sob este céu do Brasil, veja a Estrela de Portugal"

opinou o Prof. Saldanha da Gama

"Gal. Humberto Delgado.

Não vim saudar a v. exa. Vim saudar no homenageado de hoje todos os que sofrem na luta pelos direitos políticos. Que sentem a saudade da Pátria e não sabem quando poderão mitigá-la. Que passam nas prisões longos anos, que ninguém lhes restituirá, jamais. Ou que erguem a cabeça, usando a força da inteligência contra o impacto das armas de fogo. A luta pela liberdade, general, não tem fronteiras. Por isto é tradição no Brasil abrir os braços aos que, sinceramente democratas, são levados a viver longe de sua terra. Não discutimos política de outros povos, mas recebemos como irmãos aqueles que não se deixam amordaçar.

Somos contra as ditaduras, de direita ou de esquerda, ostensivas ou disfarçadas. A dignidade humana existe, unicamente, no regime democrático. Se é impossível impedir aos homens que pensem, por que aparecem outros homens que procuram impedir que eles falem? Por que a intransigência? Por que ações violentas de minorias contra maiorias? Por que um homem só, ou um só grupo de homens arrogar-se o direito de ser juiz, mestre, comandante e intérprete de milhões de compatriotas?

Disciplina não é unanimidade. Respeito não é silêncio. A história do mundo nos ensina que é possível a sociedade de indivíduos que pensam de maneira diferente, respeitando cada um a opinião dos outros. E todos pregando as próprias idéias.

Verifiquei pessoalmente, general, o amor dos portugueses pela liberdade e a simpatia deles pelos que são capazes de combater com lealdade.

Em 1932, conheci a pátria de v. exa. que é também um pouco minha. Cheguei com várias dezenas de companheiros, civis e militares, velhos e moços, cujo crime era ter lutado no Brasil, pela Constituição que havia sido anulada. Eram os criminosos da Revolução Constitucionalista. Desembarcamos em Lisboa, deixando atrás de nós companheiros mortos ou inutilizados, prisões em que fechavam homens sem impedir que as idéias nobres atravessassem as grades. As autoridades receberam-nos com mentalidade policial, mas o povo, general e meus amigos, o povo português disse-nos em sorrisos, nos menores gestos, na acolhida fidalga que sentiam como nós, soldados da Constituição. Pode ver v. exa. que hoje procuro restituir

Continua na 6.ª pág.

Continua na 6.ª pág.



Humberto Delgado em São Paulo

As imagens que arquivamos nestas páginas constituem o mais eloquente dos desmentidos oposto à imprensa fascista de Lisboa, que insistiu em apresentar a visita do general a S. Paulo como um fracasso. Se a recepção no Aeroporto foi um espetáculo inenarrável, tal o entusiasmo de portugueses e brasileiros, a passagem pela cidade do longo cortejo de 150 carros, precedido pelas motocicletas da Polícia, foi o grande acontecimento que prendeu as atenções da capital bandeirante.



★
Nunca tanto povo se reunira à porta de um hotel em S. Paulo... Quando o general chegou ao Jaraguá, milhares de pessoas reunidas à entrada ovacionaram-no em delírio e os aplausos prolongaram-se de tal forma que Humberto Delgado foi forçado a vir à rua onde os estudantes paulistas improvisaram um "meeting" que decorreu num clima de transbordante entusiasmo, proferindo-se afirmações de fé nos destinos de Portugal.



★



Antes da conferência que pronunciou em S. Paulo, o general visitou a Faculdade de Direito, dirigindo-se dali, a pé, para o Teatro Paramount, acompanhado pelos estudantes do XI de Agosto.



Depoendo flores na herma de Camões.

Tantos foram os momentos altos de entusiasmo vividos pela gente portuguesa de S. Paulo que se torna difícil estabelecer graduações. A sessão realizada no Teatro Paramount merece, contudo, uma referência à parte pelo ambiente especialíssimo que a rodeou. Para a mocidade universitária que em Portugal luta contra a ditadura, as vibrantes profissões de fé dos jovens do XI de Agosto e do representante da União Estadual dos Estudantes devem ser um incentivo e um exemplo. Se no Brasil há rapazes que por amor à Liberdade e à pátria de seus maiores se mostram dispostos a atravessar o Atlântico e a sacrificar as suas vidas pela Libertação de Portugal, não faz sentido que nas velhas universidades lusitanas apareçam ainda moços apáticos que baixam os braços e se alheiam da guerra surda que o povo move à ditadura. Nunca como nessa noite memorável se sentiu de maneira tão comovente que a Comunidade Luso-Brasileira é uma realidade. Quando à saída, brasileiros e portugueses entoaram em conjunto o hino nacional, havia lágrimas de emoção em muitos rostos.



O general Delgado no uso da palavra durante o banquete em sua honra realizado no Jardim de Inverno Fasano em que participaram mais de 300 democratas portugueses e brasileiros.



Faixas como esta, colocadas junto ao busto de Camões, na praça da Biblioteca, reflectem o ambiente que reinou em S. Paulo durante a visita.

O AGRADECIMENTO DO GENERAL... Henrique Galvão em Liberdade

Continuação da 6.ª pág.

si própria subserviente, com razões baseadas na gula da fiança.

Como não de esses turistas ou esses leitores precurar as palpitações e a evoluções do sentir de um pobre povo que atingiu a saturação ao ser tratado há tantos anos como uma criança, que só recebe, e por favor, "Panem et circenses", pão e circo! E se ao menos o pão fosse bastante!

Não pretendemos dividir. Ao contrário, os meus correligionários e eu, queremos apenas, pacientemente, elucidar, mostrar a verdade aos afastados dela, sem despreito dos costumes e menos ainda das leis brasileiras. Não é divisão, é união. Não é malabarismo de palavras, é sinceridade. Não é ódio, é amor, o amor prégado nos livros santos mas que alguns católicos por vezes transformam em ódio.

Isto no que respeita aos portugueses. No que concerne aos brasileiros, o aproveitamento de sua pujante simpatia por nós, julgamos preferível que assente numa base cultural em vez de em base política propriamente dita. Quero dizer, que o apóio dos brasileiros aos portugueses sedentos de liberdade e dignidade humana, deve apoiar-se muito mais nas idéias universais do que nas preocupações materiais como são o comércio, e o equilíbrio da balança de pagamentos, através dos chamados impendáveis ou invisíveis que daqui vão para Portugal.

Sim, meus senhores perdoai-me lembrar-vos que se é preciso chamarmo-nos "irmãos" e falarmos de comunidade luso-brasileira, com o seu "faccies" único no mundo, na verdade antes de se nascer português, antes de se nascer brasileiro, antes de se nascer de qualquer outra nacionalidade, um homem nasce simplesmente HOMEM. Ora o instinto da liberdade nasceu com o homem há muitos milhões de anos, enquanto que as pátrias modernas nasceram algumas há uma meia dúzia de séculos, outras há um século, outras ainda há um ano ou dois. Mas, se as ideias universais afinal podem sobrepor-se as nacionais, em certos momentos históricos, isso não quer dizer que não haja — e há — um interesse extraordinário em aproveitar a unidade típica da comunidade luso-brasileira para por os dois países vibrando em uníssono ou, como se diz nas ondas eletro-magnéticas, sintonizados.

Esmerilhando a idéia, direi que a idéia da comunidade brasileira deve ajustar-se sobre bases semelhantes às que uniram o governo e a oposição brasileira no caso do

meu asilo. Quero referir-me ao amor pelas liberdades públicas em que todos possam respirar o oxigênio da vida, sem se obrigar uma parte da população a respirar o azoto da morte. Na cúpula, o amor a Portugal e o amor ao Brasil, sem confundir como agora alguns fazem, a Pátria com um homem. Os homens passam e as pátrias ficam.

A oposição portuguesa está ligada por uma plataforma em volta da minha candidatura que foi designada por "candidatura nacional independente". Publicamos o nosso programa que só na parte que diz respeito à política interna compreendia sete números destinados a fazer cumprir o artigo 8.º da constituição que diz respeito às liberdades humanas, e a preparar a Nação para dentro de prazo curto poder proceder a eleições gerais e assim, através de seus representantes eleitos, decidir dos seus destinos. Acompanhava-se esta doutrina com a provisão de uma anistia geral, o ataque imediato à miséria e a investigação à corrupção administrativa.

Tratava-se de um programa sério, dum programa que não prometia o que não fosse possível fazer. Mas evidentemente não podia também entrar em pormenores.

Nestas condições não é natural que possa eu dizer em pormenor o que faria um governo por mim nomeado no que respeita à comunidade luso-brasileira. Mas posso, como pensador, prever e dizer que a comunidade luso-brasileira será uma entidade muito mais real do que é agora, isto é uma comunidade de povos, quando no Brasil e em Portugal os regimes políticos forem regime do povo e para o povo, em vez de n'algum deles existir um regime de um homem para ele e para sua corte.

Lembremo-nos, senhores, que já Bossuet dizia: "por vezes é fatigante ser contrariado, mas é perigoso não o ser".

Negar direitos a uma oposição não é apenas egoísmo. É misoneísmo, é desonestidade, é dividir os homens em senhores e escravos. Perdoar-me-ão se por vezes as minhas palavras se apresentam em estilo terra-a-terra. Porém, brasileiros e portugueses constituem como que uma família, pois constantemente estamos a descobrir pessoas aparentadas. Assim, até na embaixada do Brasil em Lisboa há um diplomata, senhor LAFAYET DE ANDRADE, que, após alguns minutos de conversa forneceu elementos para concluirmos ser da família de minha mulher, que há uns mil anos desceu da Galisa Espanhola. A esta família pertencem os três Andrades entre

os quais o mais célebre é JOSE BONIFACIO ANDRADA E SILVA. E agora em Portugal, o descendente brasileiro irá visitar uma micróscopia e rústica capelinha, onde mal cabe meia dúzia de pessoas, construída talvez há treze séculos. A mais antiga do reino de Portugal como se dizia ao tempo, ainda está em mão de Andrades.

E creio poder findar este meu discurso que fundamental e expressamente consiste num agradecimento e numa homenagem ao Brasil.

E será talvez o momento, de dizer das razões porque adoro o Brasil e porisso a minha homenagem é tão sincera.

Permitam que parafraseie Daudet. Dizia este, poética e prosaicamente, que gostava da Inglaterra por causa de Shakespeare, da Monarquia e da forma como se cosilhavam linguados no Strand...

Posta a monarquia de parte, direi que mutatis-mutandis gosto do Brasil por causas poético-prosaicas.

1.º — porque simpatizo com D. PEDRO, o 1.º do Brasil e IV de Portugal, pela sua faceta liberal e característica de Português de genua, a que não faltava a tentação do pecado e a generosidade.

2.º — porque o Brasil teve a coragem de se lançar na Democracia, demonstrando saber que tal como se aprende a nadar bebendo água sem querer, e a andar, caindo de vez em quando, também se não pode aprender democracia senão tentando usá-la, ainda que com todos os riscos que já senti de certos aspectos inerentes à liberdade em imprensa de tipo sensacionalista.

3.º — gosto no Brasil, do seu colorido, dos seus variados "quites", das suas canções e danças, do sabor que o trópico imprimiu às manifestações hedônicas da vida desde os acepipes, até à música.

E, sentindo o trópico penetrar-me a alma, ocorre-me aquele soneto de Olavo Bilac a respeito dessa música, expressão em versos quentes como uma alcova de amor, voluptuosos como um samba lento, trajantes como a saia de casquinha moça voltejando na dança. Rezam assim:

Tens às vèzes, o fogo soberano
Do amor: encerras na cadência

Em requebros e encantos de [acessa

Todo o feitiço do pecado humano. [impureza,

Mas sobre essa volúpia, erra [a tristeza

Dos desertos, das matas e do [Oceano:

Bárbara poracé, banzo africano,
E soluço da trova portuguesa.

Es samba e jungo, xiba e fado, cujos
Acordes são desejos e orfanidades

De selvagens, cativos e marujos:

E em nostalgias e paixões consistes,
Lasciva dor, beijos de três [saudades,

Flôr amorosa de três raças tristes.

Triste ou alegre, tépido ou quente,
que importa, senhoras e senhores,
se tudo isto é Brasil? Sim, que
importa, se nós gostamos de Ti,
Brasil do vosso Brasil, do nosso
Brasil?

— General Humberto Delgado
aceitais sem o nosso conselheiro,
aceitais, sem quebra da vossa tran-
quilidade e desejo de silêncio no
doce exílio brasileiro, ajudar-nos
com a vossa experiência e o vosso
saber?

Sois o chefe do Movimento Nacional Independente, que aglutina todos os portugueses democráticos, sois para todos nós o Presidente eleito de Portugal. Compreendemos assim que a vossa posição terá necessariamente e em especial no Brasil de se situar acima de qualquer idéia ou grupo. Paireis acima dos homens e das eventuais soluções que eles tenham a propor. Mas o simples fato de termos a vossa pessoa a nosso lado constitui para nós um estímulo precioso e permanente. Fostes vós quem acordou Portugal. Jamais o esqueceremos. Ordeiramente, em silêncio, vamos trabalhar pela Pátria distante, iniciar uma batalha que despertará os sorrisos de muita gente. O que não impedirá que todos nós, do mais ilustre ao mais humilde — quem vo-lo diz é um soldado que combateu na África e na Europa — nos consideremos em guerra até o dia em que a liberdade voltar à humilhada e escravizada terra portuguesa.

De vós, minhas senhoras e meus senhores, irmãos do Brasil esperamos um pouco de compreensão para a nossa dor. A vós, meu general, só vos pedimos, parafraseando Xenofonte, que mostreis que sois digno daquela Liberdade que tendes pelo sumo bem e nós preferimos a todas as riquezas.

O capitão Henrique Galvão encontra-se, finalmente, em liberdade, tendo chegado já à terra democrática da Argentina, pois o governo de Salazar se viu forçado a assinar o salvo-conduto que, de acordo com as tradições do asilo, o governo de Frondizi lhe exigira. Se, por um lado, esta vitória da Argentina foi uma vitória da Democracia, nunca esquecerão os portugueses que ao governo presidido por Arturo Frondizi ficariam devendo a vida preciosa de um dos seus mais denodados líderes.

O capitão Henrique Galvão passou, no passado dia 13 de Maio, pelo Rio de Janeiro, tendo sido cumprimentado no aeroporto do Galeão por inúmeros democratas portugueses, entre os quais se contavam o escritor Tomaz Ribeiro Colaço, o jornalista Paulo de Castro e o industrial Ricardo Seabra. À sua chegada, Henrique Galvão fez interessantes declarações à Imprensa, depois de breve diálogo telefonico que travou com o sr. General Humberto Delgado, então de visita a São Paulo.

Afirmou aos repórteres que Salazar reconheceu o direito de asilo que o governo argentino lhe concedera, em virtude da firme e clara atitude do governo de Buenos Aires, Acentuou que este regime se encontra, de resto, em decomposição e, finalmente, por intermédio da Imprensa, dirigiu a seguinte saudação ao Povo Brasileiro:

— "O meu primeiro encontro físico com o Brasil coincide com os primeiros passos do homem livre que sou, depois de sete anos de inferno salazarista pois alguma liberdade que antes conquisei foi durante um mês a liberdade de animal acossado e depois a liberdade muito relativa dos asilados políticos — embora nesta eu encontrasse como o general Humberto Delgado todo o conforto moral de um grande e generoso país e toda a galhardia de um embaixador tão firme e intransigente como honrado, verdadeiro emulo de Alvaro Lins.

"E, por consequência, naturalíssimo que me sinta como o pisar o território brasileiro, ademais tendo simultaneamente a felicidade de abraçar outra vez, o mais fraternal dos meus amigos e o mais querido dos meus companheiros de luta: o general Humberto Delgado.

"Não queria, apesar disso, repetir como um disco o que os brasileiros estão cansados de ouvir, os lugares-comuns de todos aqueles que arribando a este portento bocado do mundo declaram a imprensa as suas impressões. As vossas potencialidades, as vossas virtudes de povo e o vosso gênio progressista estão não só exaltados como consagrados. Ainda há dias li um livro de um escritor francês que, preocupado com o ritmo de vosso progresso e de certos motivos que o agigantaram, o classificou de loucura mas não pôde deixar de acrescentar "loucura, mas heróica".

"Não vou acrescentar palavras banais em assuntos que está tudo dito num cumprimento que embora sinceríssimo seria banal também.

"O que tenho para dizer-vos é só isso: Dão para o Brasil e a Argentina os portões que a Humberto Delgado e a mim se abriram para a liberdade. Não foi à porta de nenhum país europeu que batemos.

Não pensamos sequer em tocar com os nós dos dedos no portão norte-americano. Por alguma coisa o fizemos, alguma coisa que encarna, em significado, o significado de qualquer cumprimento ou princípio literário, porque é do domínio do humano que, como valor de verdadeira civilização cristã, vos coloca entre os maiores povos do mundo... mesmo que vos falte o petróleo.

"Por mim, estou certo, mesmo que a propaganda de Salazar vos grile o contrário com a força dos seus cofres falantes estão conosco 80 por cento dos portugueses que na agonia do regime exaltam o Brasil e a Argentina, como se com as suas altitudes estes países lhes anunciassem uma Aleluia.

"Neste período agitado, em que o vosso amor, os vossos sentimentos de povo livre e a digna firmeza de vosso governo, protegistes a liberdade e a vida do homem que a maioria esmagadora dos portugueses indicou como seu chefe e fizestes mais pela fraternidade dos dois povos do que qualquer política direita o fez durante 50 anos.

"Quería voltar, amigos, voltar depois de agradecer e manifestar o que me vai no coração a esse outro governo e povo livres que me acolheram.

"Quería voltar e demorar-me entre vós, como mais um dos vossos irmãos — e também brasileiro de coração como tantos portugueses aliçados pela vossa galhardia. Muito obrigado em meu nome, em nome de todos que lá ficaram mais ou menos presos, mais ou menos confiantes numa libertação próxima".

Para a historia de uma visita

A visita a São Paulo do general Humberto Delgado teve entre muitos outros méritos o de provar que a colônia portuguesa de São Paulo está hoje na sua esmagadora maioria ao lado dos que lutam pela Libertação de Portugal. Após a vibrante sessão preparatória realizada no Centro Republicano contaram-se por centenas as pessoas que entraram em contacto com membros da Comissão Organizadora, a fim de oferecer os seus préstimos. Entre tantos e tão valiosas contribuições materiais ao trabalho de colar cartazes alta madrugada ou à confecção e colocação de faixas alusivas à visita, houve um pouco de tudo numa admirável demonstração de patriotismo e de espírito de equipe.

Um pormenor curioso e significativo: alguns comandadores ainda que tomando as maiores precauções não quiseram deixar de contribuir financeiramente. São na generalidade homens de bom fundo ainda que pouco esclarecidos que receberam as comendas por engano e que não têm a personalidade suficiente para romper abertamente com a vergonhosa camarilha que dispõe a seu bel prazer da Casa de Portugal transformando-a num instrumento da propaganda salazarista. Como as suas vidas são limpas estamos, porém, dispostos a recebê-los tão logo reconhecem os seus erros e tenham a coragem de tomar uma posição. Sabemos, aliás, que nos arraiais situacionistas reina grande divisão a propósito da recusa — com protesto de um único diretor — da cedência do Salão da Casa de Portugal para o banquete em honra de S. Excia. o general Delgado. Recusa assinala-se que revela bem os princípios ditatoriais impostos à instituição pela sua atual gerência pois nada nos seus estatutos poderia impedir que um grupo de sócios alugasse as instalações para oferecer um banquete a um português ilustre. Tão habituados estamos ao servilismo da Casa de Portugal em face do governo do Sr. Salazar que a decisão não nos surpreendeu. Que se poderia esperar de uma coletividade que preenche tão mal a sua missão e que conta apenas dois mil sócios, isto é menos portugueses do que um clube brasileiro como o Corinthians! Casa de Salazar e não Casa de Portugal se deveria chamar até ao dia em que volte a ser digna do nome inscrito na frontaria.

A NOVA LINHA...

Continuação da 6.ª pág.

por crescentes oportunidades de trabalho produtivo para os portugueses, por um lado, e que permita o enquadramento de Portugal numa Europa unida, extraindo dela estímulos novos para a ecclaração do seu desenvolvimento, em vez de causas para o agravamento da estagnação atual. Esse o problema básico a condicionar a própria sobrevivência de Portugal como Nação independente.

A questão colonial é outro pedestal para todos os portugueses que olham o futuro com esperança não isenta de inquietação. A absurda e criminosa política de integração (aliás teórica) posta em prática pelo atual regime mais não conseguiu do que criar fundos resentimentos contra a Metrópole e manter as massas africanas num estado de atraso e barbarie apenas propício aos interesses dos grandes trustes.

Torna-se evidente que o Portugal livre de amanhã, a exemplo do que fizeram a França e a Inglaterra, terá que encarar sob prismas completamente diferentes a sua presença em África, Angola e Moçambique não podem continuar a ser governadas de Lisboa. Importa destruir o mito que as apresenta como províncias iguais aos Açores ou ao Minho, importa dar-lhes as escolas e universidades que pedem, a ampla autonomia sem a qual não podem progredir, sem a qual as relações entre brancos e negros não podem desanuviar-se.

Minhas senhoras e meus senhores. Alarguei-me mais do que era minha intenção. E quase não me referi à pessoa do nosso ilustre homenageado. Deliberadamente, devo confessá-lo. Pela simples razão de que em nome dos democra-

tas portuguesas de São Paulo desejo fazer-lhe uma pergunta, uma pergunta que, mais do que quaisquer palavras, mostra em que conceito o temos.

— General Humberto Delgado aceitais sem o nosso conselheiro, aceitais, sem quebra da vossa tranquilidade e desejo de silêncio no doce exílio brasileiro, ajudar-nos com a vossa experiência e o vosso saber?

Sois o chefe do Movimento Nacional Independente, que aglutina todos os portugueses democráticos, sois para todos nós o Presidente eleito de Portugal. Compreendemos assim que a vossa posição terá necessariamente e em especial no Brasil de se situar acima de qualquer idéia ou grupo. Paireis acima dos homens e das eventuais soluções que eles tenham a propor. Mas o simples fato de termos a vossa pessoa a nosso lado constitui para nós um estímulo precioso e permanente. Fostes vós quem acordou Portugal. Jamais o esqueceremos. Ordeiramente, em silêncio, vamos trabalhar pela Pátria distante, iniciar uma batalha que despertará os sorrisos de muita gente. O que não impedirá que todos nós, do mais ilustre ao mais humilde — quem vo-lo diz é um soldado que combateu na África e na Europa — nos consideremos em guerra até o dia em que a liberdade voltar à humilhada e escravizada terra portuguesa.

De vós, minhas senhoras e meus senhores, irmãos do Brasil esperamos um pouco de compreensão para a nossa dor. A vós, meu general, só vos pedimos, parafraseando Xenofonte, que mostreis que sois digno daquela Liberdade que tendes pelo sumo bem e nós preferimos a todas as riquezas.

Sob este céu...

Continuação da 6.ª pág.

a Portugal, na pessoa do general Delgado, se não a acolhida generosa, pelo menos, o sorriso amigo que herdei de meus avós portugueses.

Outra vez, em 1945, desfilaram em Lisboa, meus camaradas da Força Expedicionária Brasileira que acabavam de auxiliar os exercitos aliados a destruir as ditaduras — nazistas e fascista. Portugal recebeu-nos em festa. Era a liberdade que viam naqueles moços que regressavam de heróicos combates, felizes, apesar das cruces que deixaram atrás e dos sofrimentos de muitos.

V. exa. representa, portanto, a raça que estabeleceu a liberdade. Primeiro, a da sua Nação. Em seguida, a dos mares, transformando o Cabo das Tormentas em Boa Esperança. Pouco mais tarde, revelando o Brasil ao mundo e conquistando, ao lado dos heróis negros e índios, a nação que tem a democracia como lema e onde preconceitos de qualquer espécie são condenados por todos. Nas campanhas napoleônicas, brasileiros como o inesquecível José Bonifácio de Andrade e Silva alistaram-se no Exército Português. O nosso Patriarca veio da Mãe Pátria

para fazer a independência da Pátria nova. Em compensação, nosso primeiro imperador regressou a Portugal para destruir o absolutismo.

Vemos, portanto, que a corrente de Liberdade foi constante e o Atlântico foi a estrada que ela percorreu. Não será nos dias de agora que a estrada será fechada. Por ela, v. exa. chegou e por ela v. exa. regressará.

Não será, porém, sem sofrimento, nem angústias. Os ódios tem longos traços. V. exa. será combatido, caluniado, perseguido. Mesmo nas seções livres, que não são livres, porque são pagas. A minha longa experiência leva-me a lhe aconselhar, general: seja calmo e objetivo, hoje; seja imparcial e justo, amanhã. Porque os mesmos homens que lhe fogem no momento, serão os primeiros a lhe procurar no futuro.

Não hesite e não recue. Aja de acordo com o seu ideal. Sofra sem reclamar. E, sob este céu do Brasil, veja a estrela de Portugal.

O preço da independência é a prisão ou o exílio quando o regime não é democrático.

Deus já lhe indicou o caminho. Se não lhe fôr possível morrer pelo seu ideal, viva, ao menos, sofrendo por ele".

Desejo esclarecer os portugueses do Brasil e não, como se disse liderá-los

Na manhã de sexta-feira, dia 15 no amplo salão do oitavo andar do Hotel Jaraguá, o general Humberto Delgado concedeu à imprensa a anunciada entrevista coletiva que foi transmitida na íntegra por algumas das principais estações emissoras de São Paulo e acompanhada assim por muitas centenas de milhares de pessoas.

Antes de responder a quaisquer perguntas, o general leu ao microfone a seguinte declaração prevista.

Situações de serviço com grande ou pequena permanência, fizeram-me conhecer algumas dezenas de países, desde a Europa à África Portuguesa, Inglesa, Francesa e Espanhola, Canadá, Estados Unidos, Índia, Timor e Austrália, para citar apenas alguns abreviadamente. Representei Portugal durante três anos no Conselho da OACI (Organização da Aviação Civil Internacional), cinco no Comité Militar da NATO, em Washington, representei o Ar Português secretamente na segunda guerra mundial para a cessão de bases nos Açores aos Aliados, duas vezes passei como diretor geral da Aeronáutica Civil e, finalmente, fui o primeiro oficial português que representando a Defesa Nacional, assistiu às experiências atômicas de Los Alamos, Nevada, nos Estados Unidos. Do exposto se vê que sobre viajar intensamente tive de tomar contacto com jornalistas de todas as raças, falando variados idiomas, tratando de assuntos delicados. Entretanto, tenho o maior prazer em declarar que nunca me senti tão rodeado de simpatia no meio dos vossos colegas de imprensa como quando desembarquei no Rio de Janeiro. Conseqüentemente, com viva satisfação e à vontade me encontro entre vós hoje. A circunstância de eu falar habitualmente muito depressa aliada à emoção de certos momentos, tem contudo dado asa a interpretações errôneas de afirmações minhas, facilmente eploradas pela tendência pró-sensacionalismo ou por uma ética de tipo especial, para não aventar a hipótese de sentimentos negativos que não quero analisar. Assim, ainda há pouco, rapazes que me foram esperar me atribuíram a declaração de que eu me proponha chefiar ou liderar a colônia portuguesa, o que deu pasto à maldosa exploração.

A Colônia Portuguesa é uma admirável massa de trabalhadores, não de políticos. Sempre teve como essencial característica a devoção ao trabalho. O seu clima sentimental é o de uma romântica saudade da Pátria onde nasceram e o de uma forte devoção à Pátria que os acolhe. Acontece muito naturalmente que os que estão ausentes há muitos anos de Portugal, escutando a sua íntima saudade e a voz dispendiosa das Propagandas, não estão hoje esclarecidos quanto à realidade portuguesa. Para esse esclarecimento, nacional e não político, é que eu posso dar com a própria experiência que vivi, dentro e fora de Portugal, um grande número de elementos verdadeiros, certos, claros que bem gostaria de apresentar calmamente, sem paixões, entre irmãos. Não vejo que esse desejo de esclarecer possa confundir-se com qualquer exórdio e deslocado empenho de "liderar". E liderar para quê, se a colônia não pôde votar? O meu desejo é de tranquilidade, de sossego, de no máximo estabelecer pacífica osmose de idéias e verdades. Tenho-o afirmado e repito-o. Quando cheguei tive de satisfazer a natural curiosidade dos vossos colegas com determinadas declarações, contendo verdades ou idéias universais. Logo certos jornais que insistem em querer ver no regime português o modelo ideal de todos os regimes e entendem que defendê-lo não é fazer política, me acusaram de falta de respeito pela hospitalidade brasileira, a que tão grato estou, sobrepondo-se assim ao próprio governo do Brasil. Não faltou também quem abordasse aspectos da minha vida particular, inventando coisas sobre mim próprio que eu desconhecia, adentro do citado e doentio sensacionalismo. Na última semana, porque me recusei a fazer declarações à respeito de matéria delicada, logo me vi acusado de pouco cordial, de má disposição matinal. Numa palavra, acusado de falar pouco. A verdade é que mereço respeito pela carreira, pela idade, pela vida, pela situação do exilado, que podia estar no Canadá bem pago, sem nada fazer. Felizmente, os jornais que encontram sempre um pretexto para me criticar, tratando-me ora de exibicionista, ora de temperamental, ora de neurastênico,

constituem uma insignificante minoria que afinal ofende o governo português por ter escolhido para altas missões de Estado Maior e para representações internacionais um indivíduo com tais defeitos. Aos outros jornais da grande imprensa brasileira, aos seus diretores, redatores e repórteres agradeço a corajosa e entusiástico fraternal com que há tanto tempo defendem a causa do povo português e as múltiplas atenções que me têm dispensado. Posso aliás, dizer-vos que nunca uma imprensa foi tão avidamente lida em Portugal como o é hoje a brasileira, apesar da entrada dos maiores jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro ser rigorosamente proibida no meu País, através das drásticas medidas que fizeram perder aos cidadãos portugueses e aos estrangeiros que para lá escrevem uma das maiores conquistas da civilização: o direito ao sigilo da correspondência, que veda ao Estado intromissões na vida particular de cada um. Sim, atental, por exemplo, em que o inocente namorado de um brasileiro com uma portuguesa que viva em Lisboa é do domínio da Polícia para ver se as cartas que trocam contêm recortes de jornais ou indicação de ações conspiratórias.

Creio que ninguém me pode levar a mal, como amante da liberdade, que eu discorde deste estado de coisas. Quem sabe, no entanto, se só por dizer isto objetivamente hoje não estou sujeito a que se diga que o meu intuito é incitar cidadãos do Brasil contra a minha Pátria? Por tudo isto nos parece útil fazer esta declaração prévia política, que indica a grande traça do espírito da minha ação informativa tão simples e clara, no território da grande Nação que me acolheu no transe sério por que passei.

O ANTI-SALARISMO

A respeito da existência, em Portugal, de movimentos revolucionários anti-salaristas, disse o general que isso, atualmente, é impossível, devido à "gestapica ação da polícia salazarista" que impede reunião de mais de quatro pessoas, que viola toda a correspondência. Apesar destes fatos — concluiu — três quartos da população opõe-se ao regime.

O PAPEL DO PROLETARIADO

Falando sobre o papel da classe operária no movimento anti-salarista, o general afirmou a inexistência organizada de tal movimento, pelas razões expostas. O proletariado português encontra-se sujeito às mesmas proibições que atingem toda a população, uma vez que os sindicatos não tem livre existência e todo aquele que protesta contra esta situação é imediatamente tachado de "comunista" e encarcerado, quando não morre torturado pela PIDE.

VOLTA A PORTUGAL

Ao interrogarem-no sobre a possibilidade de sua volta a Portugal, respondeu o general Delgado que uma tentativa nesse sentido havia sido feita por um grupo de políticos. Entretanto, ele somente voltaria se fossem dadas garantias constitucionais, o que no atual regime parece pouco provável. Insistiu, ainda outra vez, que de maneira alguma tentaria acumular os poderes em suas mãos, caso viesse a ocupar algum posto elevado no governo. A propósito, citou a celebre frase: "O poder corrompe. O poder absoluto corrompe inteiramente".

A FAMÍLIA DE DELGADO

"Minha esposa é obrigada a mudar de endereço constantemente, a fim de evitar que a censura viole a correspondência que lhe envio, e para escapar a outras sanções da ditadura" — afirmou o general Delgado. Acrescentou, também que espera que o governo não adote medidas mais drásticas com relação a seus familiares, residentes em Portugal, especialmente com seu filho que é membro da Aeronáutica portuguesa.

O EXÉRCITO EM PORTUGAL

Afirmou o general que no exército é visível o descontentamento com relação ao regime, principalmente nas patentes inferiores. O descontentamento é ainda maior entre os soldados, devido aos ínfimos soldos que recebem e às condições em que vivem.

A SITUAÇÃO NAS COLONIAS

Referindo-se à situação das províncias ultramarinas, declarou Delgado que é em linhas gerais, a mesma de Portugal. Nas eleições, contudo, houve um pouco mais de liberdade, não devido à benevolência do regime de Salazar, porém graças ao atraso com que chegou a instrução da Metrópole, de impedir qualquer fiscalização das urnas. Assim, em Angola e Moçambique, onde o general obteve a maioria dos votos, os "salazaristas" foram obrigados a torcer brutalmente o resultado do pleito, para dar a vitória ao candidato da União Nacional.

AS MULHERES PORTUGUESAS

Respondendo a outra indagação, disse o general que em sua plataforma eleitoral constava um projeto de legislação feminina, que permitisse a participação das mulheres lusinas em todos os setores da vida pública. Durante a campanha eleitoral, as mulheres muitas vezes serviram de exemplo aos homens — pela firmeza de suas atitudes, pelo arrojo com que defendiam as suas convicções e pelo destemor com que enfrentavam os agentes da Polícia Política. "Eu mesmo — concluiu o general — tive oportunidade de ver, na cidade do Porto, dezenas de senhoras serem espancadas e presas pelos policiais, quando participavam de comícios em defesa de minha candidatura. Acrescentou também, que mães de família portuguesas são processadas pelo Tribunal Plenário, por reclamarem melhores condições de vida para seus filhos.

A ATUAÇÃO DA IGREJA

"A Igreja em Portugal coloca-se ao lado do povo em seu desejo de liberdade e democracia", disse Delgado, acrescentando que após a declaração do Bispo do Porto, ficou clara a posição da Igreja Católica face ao regime de Salazar.

Após essa declaração, o general Humberto Delgado deu por encerrada a entrevista, convidando os jornalistas, para um "cocktail", durante o qual palestrou longamente com os presentes.

A constituição das comissões

Da Comissão de Recepção formada por ocasião da visita a São Paulo do general Humberto Delgado faziam parte entre outras personalidades os srs.: dr. Julio de Mesquita Filho, diretor de "O Estado de S. Paulo"; dr. Josimar Moreira, diretor de "Ultima Hora"; dr. Paulo Duarte, diretor da revista "Anhembi"; deputados Abreu Sodré, padre Antonio de Oliveira Godinho, Cid Franco, Israel Dias Novais, Geraldo Martins e Murilo de Souza Reis; Sergio Milliet, presidente da União Brasileira de Escritores; Louival Gomes Machado, professor catedrático da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; historiador Yan de Almeida Prado; Benedito Ribeiro, presidente do Sindicato dos Jornalistas; Gabriel Greco, vice-presidente do Pacto de Unidade Intersindical; vereadores Marcos Melega, Freitas Nobre e Monteiro de Carvalho; Luiz Carlos Bettiol, presidente do Centro Acadêmico "XI de Agosto"; Gamal Chaim, vice-presidente do Grêmio da Faculdade de Filosofia; Abel Sampaio dos Santos, presidente do Centro Estudantil Nove de Julho; Carlos Dompierre, presidente do Grêmio Politécnico; comandante Sarmento Pimentel, presidente do Centro Republicano Português; Otavio Martins de Moura, diretor do jornal "Portugal Democrático"; Maria Archer, José Pedroso Lima, Ricca Gonçalves, Jorge Fidelino de Figueiredo, Toga Machado, Victor Ramos, todos membros do Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão etc.

Da Comissão de Propaganda, além de numerosos portugueses parte os jornalistas brasileiros Claudio Abramo, Geraldo Ferraz, Oliveira S. Ferreira, Hideo Onaga, Eubis Carlos do Amaral, Regina de Paiva Ramos, Cauby de Oliveira, Raulo Marques Lobato, Domingos Carvalho da Silva e Carlos Maria de Aranjó.

Joaquim Ribeiro Bastos - Um homem e uma atitude

Se há uma pessoa que a Comissão Organizadora da visita a São Paulo de s. exa. o general Delgado se sente no dever de destacar de todas as demais ela é, fora de dúvida, a do sr. Joaquim Ribeiro Bastos. Radicado há mais de trinta anos no Brasil não se deslumbrou nunca os seus êxitos materiais e, à medida que conquistava o bem estar mantinha os olhos abertos ao mundo, procurando ser um homem do seu tempo e acompanhar através do seu aperfeiçoamento espiritual e cultural a evolução do processo histórico. Nada há de comum entre ele e a desacreditada classe dos comentaristas. Democrata, não negou jamais as suas convicções, nem a sua solidariedade para com os que em Portugal sofriam e sofrem o peso da bota da ditadura.

Desiludam-se os comandadores de Salazar. Não foi Ribeiro Bastos quem possibilitou a visita do general Humberto Delgado a São Paulo. O êxito da iniciativa foi produto de um trabalho de equipa e não da contribuição individual deste ou daquele. Não é pois a sua contribuição material que tanto nos sensibiliza. É algo de muito diferente que dificilmente podem compreender: a coragem de uma firme tomada de posição, o ter oferecido os seus préstimos a uma causa que sente

como sua. Aquilo que sobretudo lhe agradecemos, aquilo que não podemos esquecer é a elegância e a simplicidade com que se prontificou a colaborar como um soldado mais, a forma como pôs a sua pessoa à disposição incondicional da Comissão Organizadora. Joaquim Ribeiro Bastos veio desfazer o mito de que os portugueses que vieram moços de Portugal estão com Salazar e com a sua lamentável ditadura. E fê-lo de uma maneira inimitável, dando um exemplo de disciplina e de dedicação aos mais velhos lutadores da causa da Liberdade. Em Congonhas foi dos primeiros a receber Humberto Delgado, foi quem o conduziu à cidade e dias depois foi aquele que lhe deu o último abraço de despedida.

A Comissão Organizadora deve-lhe, além do mais, a feliz iniciativa de, uma vez encerrado o programa oficial, ter oferecido em sua casa um jantar em honra do general. Não obstante essa festa ter a marca de uma aparente severidade dos traços a rigor, a esposa do anfitrião, sr. Dona Maria da Aparecida Caldeira de Moura Ribeiro Bastos soube criar à volta dos convidados um tal ambiente de intimidade que o general pôde esquecer por momentos, que se encontrava no exílio, graças à fidalga hospitalidade daquela casa luso-brasileira. Distinção, classe e uma espontaneidade verdadeiramente revolucionária, na mais bela acepção da palavra, foram na verdade as características dessa reunião social.

Américo Marques da Costa e Senhora

Um dos aspectos mais significativos do banquete realizado no restaurante Fasano em honra de S. Excia. o General Humberto Delgado foi a presença de grande número de personalidades da colônia que, apesar de não fazerem parte das organizações de Resistência contra a ditadura, não quiseram deixar de se associar a um ato em que se prestava homenagem a uma figura que é a todos os títulos digna da gratidão de todos os portugueses. Entre essas pessoas permitimo-nos destacar o conhecido industrial Américo Marques da Costa e sua esposa Sra. Ana Marques da Costa. Homem culto e viajado que conheceu de perto muitas figuras da primeira República, Américo Marques da Costa quiz certamente significar com a sua presença que se mantém fiel aos ideais democráticos que nunca o abandonaram desde a juventude. Não menos grata foi para a Comissão Organizadora a presença de sua esposa, uma senhora excepcional sob todos os pontos de vista, que se impõe à admiração e ao respeito da colônia que nela vê um verdadeiro símbolo das virtudes da mulher portuguesa.

O GAL. DELGADO EM SANTOS

No primeiro dia da sua permanência em São Paulo, o General Delgado visitou, à noite, as redações dos jornais "O Estado de S. Paulo", "Ultima Hora" e "Folhas", tendo agradecido aos respectivos diretores todo o interesse que lhes tem merecido a causa da Democracia Portuguesa.

Na tarde do dia 16, o Chefe do Portugal Livre deslocou-se a Santos, onde visitou "A Tribuna", diário que eficazmente vem contribuindo para esclarecer com verdade o que realmente se está passando em Portugal. Através de "A Tribuna", o General Humberto Delgado saudou a numerosa colônia lusa de Santos. O líder dos democratas portugueses aproveitou a oportunidade para deixar um cartão de cumprimentos ao sr. José Bento de Carvalho, importante industrial em Santos, o qual, apesar dos seus oitenta e tantos anos, expressamente se deslocou a São Paulo, a fim de assistir ao banquete de homenagem ao sr. General Humberto Delgado, no dia 15, data do seu 53.º aniversário.

"Portugal Democrático" na Venezuela

Por manifesta falta de espaço, não podemos referir neste número algumas interessantes informações que nos chegaram da Venezuela, acerca da luta que neste país estão travando contra a ditadura salazarista os democratas portugueses.

As mesmas razões nos levaram a suprimir desta edição outro original que de outras procedências chegou à nossa redação e que tentaremos publicar em breve.

Carta a Mac-Millan

Continuação da 1.ª pág.

Portugal ressentimentos fundos e justificados contra o Reino Unido que vimos solicitar de V. Exa. se digno reconsiderar sobre a oportunidade da visita a Lisboa de SAR, bem como de uma delegação das Forças Armadas Britânicas. Queremos, aliás, insistir em que o povo e a oposição portuguesa tem a mais viva simpatia pela princesa Margarida representante da casa soberana de um grande povo e que tem na mais alta consideração as Forças Armadas Britânicas, ao lado das quais o Exército e a Marinha Portugueses tantas vezes se bateram.

Não pode, contudo, o povo lusitano abdicar do legítimo direito de se bater pela sua própria liberdade. Basta-nos já o verdadeiro escândalo que a NATO dá cobrindo com o seu prestígio um governo fascista — ela que se diz representante dos povos livres — que para se manter não hesita em lançar mão de métodos que levaram não poucos homens ao banco dos reus de Nuremberg. As terríveis violências que neste momento Salazar está exercendo no país, com prisões, assassinios e prepotências de toda a espécie cometidas quer pela Polícia Política (PIDE) quer pelas várias corporações militarizadas, de espírito e comando fascistas, são a demonstração do que afirmamos. A nós, portugueses, e mais ainda aqueles que na Europa se encontram privados da liberdade de expressão afigura-se-nos que enquanto não houver um pouco mais de coerência e de sinceridade na política exterior das grandes potências, estarão destinadas a malogro certo tentativas como a de Genebra de paz e convívio fraterno entre os povos.

São Paulo, (aa) Adolfo Casais Monteiro (escritor), Agostinho da Silva (professor universitário), Antonio Pinto de Carvalho (professor universitário), Armindo Blanco (jornalista), Carlos Cruz (engenheiro), Carneiro Franco (ex-deputado), Ciriaco da Cunha (oficial do Exército), Fernando Correia da Silva (escritor), Fernando Lemos (pintor), Fernando Queiroga (oficial do Exército), Francisco Lopes (industrial), Francisco Sarmento Pimentel (oficial do Exército), João Alves das Neves (jornalista) João Sarmento Pimentel (oficial do Exército), Joaquim Ferrer (escritor), Jorge Fidelino de Figueiredo (engenheiro), José Pedroso de Lima (ex-diplomata), José Santana Motta (jornalista), Maria Archer (escritora), Miguel Urbano Rodrigues (jornalista) Paulo de Castro (jornalista), Rodrigues Lapa (professor universitário), Ricca Gonçalves (engenheiro), Santos Baloção (engenheiro), Vitor Ramos (professor universitário), Tomaz Ribeiro Colaço (escritor), Zaluar Nunes (professor universitário).

A imprensa portuguesa esteio da Ditadura

Um dos mais firmes esteios da ditadura em Portugal é a imprensa. O exercício, que por um pronunciamento — pois o 28 de Maio de 1926 não foi uma revolução — instaurou o totalitarismo, viveu sempre divorciado do ditador, a quem os militares tratam, depreciativamente, por o "frade". A Igreja católica, por não obter dele tudo quanto esperava e pressentir, agora, que a derrocada do regime a atingirá com a onda de ódio represada, afasta-se do que lhe cheira a cadáver. A finança, a grande indústria, o mundo dos negócios, cujos lucros o ditador dizima para as suas obras espetaculares e despesas com a sua própria segurança e prestígio, é só um instrumento, e, quando lhe faltam o cérebro maléfico que a dirige e ordena as violências não será mais que um rebano de bandalhos desorientados.

O principal esteio do ditador é a imprensa, cúmplice e submissa, a quem ele, aliás, trata com o desprezo que merece. Não se tem falado assaz do papel dos jornais — dos grandes jornais, entenda-se, pois os outros não contam — na consolidação do regime que oprime os Portugueses. Será bom lembrá-lo e ir pensando nas sanções a aplicar a esses inimigos do Povo. É preciso distinguir entre jornais e jornalistas. Os últimos, quando não são cúmplices — poucos o são e nenhum de real valor — têm sempre lutado contra o regime. Os jornais é que lutam a favor e têm amordaçados os jornalistas de talento, a quem submetem a uma censura ainda mais feroz do que a oficial. Servem-se deles para as baixas tarefas do ofício, pois não se improvisam bons jornalistas profissionais; mas obrigam-nos a uma disciplina de caserna.

Nunca a grande imprensa deu o seu apoio a qualquer movimento de protesto dos jornalistas contra o regime da censura prévia. Se a vigência de cerca de 33 anos desse regime não fosse assaz eloquente, alguns fatos, só de poucos conhecidos, o demonstrariam. Logo em 1926, após ter triunfado o movimento que estabeleceu a ditadura, foi promulgada uma pretensa Lei de Imprensa, datada de Julho desse ano. Era tão severa que os jornalistas, embora não concordassem com muitas das suas disposições, esperaram que terminasse a censura prévia, pois as sanções previstas nessa suposta lei eram mais do que bastantes para reprimir quaisquer abusos da liberdade de expressão pela imprensa.

Como tal não sucedeu, logo no mês de Agosto do mesmo ano, reuniu-se uma assembleia que considerou excessivas as disposições de tal lei. Nela foi nomeada uma comissão para estudar o problema e redigir uma representação a entregar ao poder público. Dessa comissão faziam parte os dois chefes da redação dos dois principais diários de Lisboa, os jornalistas Rocha Júnior e Mário Salgueiro, e o jornalista Jaime Brasil ao tempo dirigente dos organismos associativos dos profissionais da imprensa. Elaborada e aprovada por outra assembleia magna de jornalistas a representação, foi pela mesma comissão pessoalmente entregue ao general Fragozo Carmona, então chefe do poder executivo, e ao ministro da Justiça, Prof. Manuel Rodrigues, que fora o autor do decreto-lei acerca do exercício da liberdade de imprensa.

Com ambos foram discutidos as disposições desse decreto e as instruções dadas à comissão de censura. Ambos prometeram ir estudar o assunto e submeter ao conselho de ministros as alterações necessárias. Ambos mentiram, como pessoas sem dignidade que eram. Passado algum tempo, os jornalistas verificaram não ter sido dado seguimento à sua reclamação e continuar tudo como dantes ou pior. Resolveram, então, dirigir-se aos jornais a pedir a sua intervenção. A mesma comissão avistou-se com os representantes das empresas dos grandes quotidianos, aos quais pediu que, enquanto o regime de tutela a imprensa fosse mantido, os jornais se abstivessem de dar guarida a tudo que fosse propaganda dos atos do governo: publicação de "notas officiosas", registo dos discursos ministeriais e outras manifestações de apoio à ditadura. Limitar-se-iam ao noticiário dos atos oficiais de interesse público.

Todos concordaram com essa forma de pressão, excepto o diretor do jornal órgão do governo, Homem Cristo Filho, aventureiro fascista, mas homem superiormente inteligente, o qual declarou que se isso fosse avante ficaria o público privado da secção cômica dos jornais, preenchida pelos discursos proferidos pelos ministros nos seus discursos. A comissão conseguiu que o diretor e representante da imprensa de "O Jornal do Comércio", decano dos diários do País, o velho jornalista Alberto Beça, convocasse os seus confrades para uma reunião em que seria discutido o assunto, pois então ainda não havia o Grémio da Imprensa Diária. Efetuou-se a reunião e o assunto teria sido debatido; mas os resultados foram nulos. Continuou tudo como dantes, pois os delegados das empresas jornalísticas tinham a mesma dignidade dos que ocupavam o poder.

Convinha-lhes, como lhes convém, o regime de censura, com o qual se desculpam da sua incapacidade para tratar os problemas de interesse nacional. Eram, e são, lacaios do poder, por este, a troca do seu apoio, manifesto ou tácito, lhes permitir realizar os seus negócios. Não precisam de fazer abertamente o elogio da ditadura; basta calarem aquilo que a ela não convém ser divulgado. Alguns mantêm até, perante a ingenuidade da maioria do público, um certo ar de independência e passam por liberais ou democráticos. Isso até convém ao ditador, para demonstrar a sua tolerância com a oposição. Há anos, que a pretensão da crise do papel, todos — mas todos — receberam um subsídio compensador dos cofres do Estado.

Essa traição da grande imprensa nunca foi objeto de qualquer referência, nem sequer nos períodos de "liberdade condicionada", em vésperas de eleições quando o ditador consente que sejam ditas algumas verdades, para demonstrar a sua tolerância. Se alguém o tentasse, como os jornais são o veículo dessas verdades filtradas, não só as suprimiriam, como os que as proferissem seriam, daí por diante, sujeitos a "pena do silêncio" que as empresas jornalísticas se recusaram a aplicar aos salteadores do poder, quando foram convidadas a isso e se comprometeram a fazê-lo. A sua cumplicidade no crime colectivo é paga e muito bem paga.

Nos dias que precederam a chegada do general, as paredes de S. Paulo apareceram cobertas de milhares de cartazes com as cores de Portugal e o retrato de H. Delgado.

Pobres comendadores

Se alguma dúvida ainda restasse no espírito da colónia portuguesa de São Paulo sobre a total falta de altura moral e mental da meia dúzia de comendadores de Salazar que na capital bandeirante chefiavam as mínguas hostes dos adeptos da ditadura que oprime o povo português, essa dúvida ter-se-ia dissipado durante a visita de S. Excia. o general Delgado. No próprio dia da chegada do ilustre militar, quando cerca de três mil portugueses acorreram a Congonhas para receber apoteoticamente o presidente-eleito de Portugal e muitos milhares o aplaudiram ao longo das ruas percorridas pelo cortejo e junto à entrada do Hotel Jaraguá, quando por toda a cidade a gente lusitana manifestava uma alegria irreprimível, essa grotesca meia dúzia de comendadores mandava espalhar pelas ruas centrais milhares de pequenos retângulos de papel com dizeres ofensivos para a pessoa do general Humberto Delgado. Limitam-nos a transcrever tão só o conteúdo de um deles: "Quem fala mal de sua pátria não merece consideração!" Fora com Humberto Delgado!

Pobres comendadores! Tão semelhantes são ao ditador que idolatram que até na covardia se lhe igualam. Não vamos, evidentemente, perder tempo a comentar os discursos do analfabeto que confunde a Pátria com o regime do Sr. Salazar. O que importa salientar, o fato para o qual chamamos a atenção de todos os portugueses do Brasil é a diferença de processos que uma vez mais distingue os que lutam pela liberdade de Portugal dos que desejam ver perpetuado o regime fascisto-corporativo que escraviza nove milhões de portugueses. Nunca deixámos de proclamar bem alto as nossas convicções e de atacar os responsáveis. Quando o Sr. Craveiro Lopes veio ao Brasil houve escritores e intelectuais da oposição que disseram nos jornais aquilo que pensavam da sua pessoa e do que ela simbolizava. Mas aponto os seus nomes no fim, assumindo a responsabilidade do que afirmavam. E jamais passou pela cabeça dos elementos representativos da oposição distribuir nas ruas papélinhos sujos com insultos soezes ao Sr. Salazar e aos seus presidentes fantoches.

Jamais também o Comité dos Intelectuais Portugueses, o Centro Republicano ou o nosso jornal atacaram quem quer que fosse cobrindo-se com o anonimato.

Pobres comendadores! Nem ao menos lhes resta um pouco daquela coragem que nos fez grandes aos olhos do Mundo. Tão pobres de espírito são que nem sequer compreendem que a liberdade que Humberto Delgado simboliza para os portugueses é afinal a mesma liberdade que se respira no Brasil e de que tão mau uso fazem lançando nas ruas papélinhos anónimos e injuriosos...

Três mil pessoas

(Continuação da primeira página)

te o homem que tentara derrubar um ditador que a si próprio se erigira em ídolo, o militar que desfaldara na pátria distante o estandarte da revolta contra a tirania, era o símbolo da coragem da gente lusitana, da sua autenticidade, da sua ansia de respirar o ar puro da liberdade. Humberto Delgado, era o campeão de uma ideia, o retrato de um Portugal que luta e sofre enquanto aguarda a hora da libertação. Por isso o aplaudiam, com vibração, com frenesi, com esperança.

"Se nenhuma dúvida pode desde ontem subsistir acerca dos sentimentos reais dos portugueses de São Paulo, ficou, por outro lado,

Salazar «a mãe»

Certo humorista de quem esquecermos o nome afirmava que se os regimes fossem derrubados pelo ridículo, o de Salazar há muito teria caído. Aliás, se tal queda não se verificasse antes, teria ocorrido certamente no passado dia 28 de Abril, quando um grupo de "senhoras", tendo à frente a sra. Maria Guardiola (co-missária "nacional" da Mocidade Portuguesa Feminina e outras coisas...) resolveu proclamar "Dia da Mãe" aquele em que o seráfico ditador completou 70 anos... Para um indivíduo que enuncia teve filhos — pelo menos à face de Deus e dos Homens — o incidente não deixa de merecer registo. Salazar — "a Mãe". Que virá depois de mais esta comédia indigna!

Delgado não cobrou nada da TV carioca

Desmentindo notícias veiculadas por um jornal do Rio, segundo as quais teria exigido vinte mil cruzeiros para conceder entrevista a uma estação de televisão carioca, o sr. Humberto Delgado, líder oposicionista português que se encontra presentemente em São Paulo, enviou a seguinte carta ao diretor do "Diário de Notícias":

"Com grande espanto li no seu jornal a notícia referente à minha ida à TV-Rio. O mais elementar respeito que nos devemos aconselhar — ainda que não houvessemos cultivado relações pessoais — a ouvir-me, antes de publicar o acervo de falsidades do sr. Thiré — pessoa que, por desafio com o sr. Cavalcanti, me queria levar por sua mão à TV-Rio, e a quem tratei com uma correção inaceitável, vindo como veio por mão do sr. Rubem Braga.

Mandar-lhe-ei, logo que datilografada, copia da carta que enviarei a esse senhor Thiré, pela qual se afirmava:

- 1.º — Nunca exige pagamento nenhum.
- 2.º — Querida o sr. Cavalcanti dar-me 20.000 cruzeiros até sem recibo.
- 3.º — Sendo informado que se não fosse recebida a quantia, ela revertiria em benefício dos organizadores do programa, propus que fosse dada à Associação tem o meu nome.
- 4.º — O tesoureiro desta Associação recebeu e passou o recibo. (Estava presente, no apartamento, quando o sr. Cavalcanti aqui veio).
- 5.º — Já de pé, para sair, Cavalcanti perguntou se eu me importava de deixar no recibo qualquer indicação mostrando que era do meu conhecimento o destino da quantia. Na melhor boa-fé apus: "Visto", e rubriquei.

Não sei o que mais me espanta: se a miséria da exploração do caso, se a brutalidade e ingratitude do sr. Thiré. De qualquer forma vejo que neste mundo de imprensa e TV, a ética é diferente da que encontrei na maioria dos países — e são muitos — por onde andei.

Lamentando de novo que o seu jornal me não consultasse antes de ajudar ao escândalo, sou atenciosamente seu, a) Humberto Delgado".
(De "O Estado de S. Paulo" 15-5-59).

O Regresso do General

Antecipando de algumas horas o seu regresso ao Rio de Janeiro, o general Humberto Delgado, manifestando uma vez mais o seu desejo de evitar contactos publicitários e sensacionalismos escusados, partiu para a capital federal ao fim da tarde de domingo e não na manhã de segunda-feira como estava previsto. Ao aeroporto de Congonhas, acompanharam-no, assim, apenas os membros da Comissão Organizadora, a quem informou oportunamente da sua decisão.

em patente de que lado estão as simpatias do Brasil. A espontaneidade, o calor, o entusiasmo postos nas manifestações pelos universitários paulistas vieram demonstrar que, para além da anquilosada comunidade concebida em moldes utilitários pelo sr. Salazar existe uma autentica e comovedora comunidade luso-brasileira que se exprime pelo coração, pelo sentimento. As palavras proferidas à porta do hotel Jaraguá pelo representante do Centro "XI de Agosto" mais não foram do que uma mensagem de fé do Brasil nos destinos de Portugal, do que uma admirável afirmação de solidariedade da juventude brasileira para com o povo oprimido da mãe-pátria."

"O Tempo" contra Portugal

Nas últimas semanas, e notadamente depois de duas viagens realizadas a Portugal pelo seu diretor (no espaço de um mês), o jornal de bolso "O Tempo" passou a incensar o governo fascista do sr. Salazar.

Não fez — o que era seu direito — a reportagem da visita a São Paulo do General Humberto Delgado. Em compensação, publicou notícias diversas, tão evidentemente falsas que nenhum outro jornal paulista se feriu. Afirinou, por exemplo, que à chegada do líder do Portugal Livre se encontravam 14 pessoas à sua espera, no aeroporto de Congonhas (as fotografias que publicamos desmentem eloquentemente tal asserção) e disse que o General foi bombardeado com ovos podres, "na altura do viaduto Santa Ifigênia". Não houve ovos podres — pelo menos, ninguém os viu — nem Humberto Delgado passou sob aquele viaduto. Mais tarde, o fascista "O Tempo" escreveu que, durante a sua permanência em São Paulo, Humberto Delgado andou sempre acompanhado pelo "conhecido arnaceiro e estelionatário Pinto Ruff Meireles, egresso da penitenciária de Évora". Ora, ninguém, de entre os que realmente acompanharam Delgado, conhece o citado Meireles, a não ser, talvez, o diretor de "O Tempo"...

Tornou-se tão escandalosa a deformação das notícias de "O Tempo" que um grupo de jornalistas profissionais paulistas chamou para a questão o atento cuidado do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. Seria desnecessária esta pequena nota, se não houvesse portugueses que ignoram ser "O Tempo" o mais desatencioso de todos os jornais da Capital Bandeirante.

Um almoço em honra do General H. Delgado

No domingo 17, último dia da estada do general Humberto Delgado em São Paulo, o Sr. Dr. Toga Machado, antigo Governador Civil de Viana do Castelo, ofereceu no seu palacete de Jabaquara um almoço em honra de S. Excia. em que participaram numerosas personalidades brasileiras e portuguesas. Pela própria circunstância do anfitrião pertencer à Comissão Organizadora da visita e ser membro destacado da Resistência Portuguesa no Brasil, no decurso do "cocktail" que precedeu o almoço foram debatidos vários assuntos que se prendem à luta contra a ditadura do Sr. Salazar e aprovada a redação final da carta de protesto endereçada pelo Comité dos Intelectuais Portugueses ao primeiro ministro inglês por motivo da próxima visita a Lisboa da princesa Margareth Rose. No final dessa festa íntima, o deputado Hamilton Prado e o general Delgado trocaram expressivos brindes.

Portugal Democrático

REDAÇÃO

Rua Conselheiro Furtado, 191
Sala 2 — Caixa Postal 5294
São Paulo

Diretor-Responsável:

OTAVIO MARTINS DE MOURA

EXPEDIENTE

Dias uteis: das 19 às 22 horas
Sábado: das 15 às 18 horas

Assin. especial ... 100,00
Número avulso ... 3,00

